

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

NICOLAU, Jairo Cesar Marconi . Jairo Cesar Marconi Nicolau (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 22min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Jairo Cesar Marconi Nicolau
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2018

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Celso Castro; Sérgio Rodrigo Marchiori Praça;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Data: 30/08/2018 a 30/08/2018

Duração: 2h 22min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Anos 1980; Câmara dos Deputados; Carreira acadêmica; Casamento; Ciências sociais; Emprego; Ensino superior; Família; Formação acadêmica; Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Jornalismo; Magistério; Militância política; Partido dos Trabalhadores - PT; Pensamento político; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Política nacional; Sistema político; Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Fluminense;

Sumário

Entrevista: 30.08.2018 Origens familiares em Friburgo. Posicionamento político do pai, trabalho de militante durante a época da escola e filiação ao PT em 81. Interesse em Ciências Sociais, vinda para o Rio para estudar, o curso de Ciências Sociais na UFF. Estágio no IBASE e temas pesquisados. Mestrado na IUPERJ, orientação por Olavo Brasil, pesquisa de sistemas políticos e professores da pós-graduação. Comparação entre o mestrado naquela época e atualmente. Primeiros empregos e casamento. Tema de pesquisa no Doutorado. Participação na ANPOCS. Afastamento da militância política do PT. Professor convidado na IUPERJ antes de completar o Mestrado e carreira na instituição. Coordenação do programa IUPERJ/CEFOP-Câmara dos Deputados. Crise da IUPERJ e relação com a UCAM. Transição da IUPERJ para o IESP na UERJ. Reação dos docentes da UERJ com a transição da IUPERJ. Concurso para a UFRJ e entrada no Instituto de Ciências Políticas do IFCS. Mídias Sociais e jornalismo. Análise crítica ao posicionamento das Ciências Sociais frente à política nacional.

Entrevista: 30/08/2018

Celso Castro –Jairo, em primeiro lugar, obrigado por ter aceito o convite para participar desse projeto. Você sabe, a gente forma um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais, que depois fica disponível na internet. Então, é um prazer tê-lo aqui hoje. A gente vai começar a entrevista falando sobre as suas origens. Você é de Friburgo. Nova Friburgo.

Jairo Nicolau – Sou de Friburgo. Nova Friburgo.

C. C. – Interior do Rio de Janeiro. A tua família?

J. N. – Está bem. Falo um pouquinho. Eu nasci em 17 de março de 1964, poucos dias antes do golpe. Eu gosto de contar isso porque tem uma história, que eu já posso registrar. É uma história que meu pai me contava. Meu pai já é falecido, mas ele... Que quando eu nasci, logo depois, veio o golpe. E meu pai era um udenista fervoroso, lacerdista, e soltou fogos para comemorar o golpe. E nessa época ele gerenciava um hotel e ele soube que os sindicalistas, os ferroviários iam invadir o hotel, e ele ficou preocupadíssimo e ligou para a Marinha. Friburgo sempre teve uma unidade da Marinha. E avisou: “Olha. Por favor. Eu soltei fogos porque era o batizado do meu filho, [risos] e eles se confundiram”. Não era verdade do batizado. Era meu batizado, mas os fogos foram para comemorar o golpe. Aí mandaram os fuzileiros navais, ficaram lá cercando o hotel durante uns dias. E ele gostava de me contar isso porque... Enfim, a minha infância... o meu nascimento misturado com o contexto político.

C. C. – Os seus pais eram de lá da região?

J. N. – É. Meus pais são do noroeste fluminense, são... Meus pais estudaram muito pouco. Meu pai só aprendeu a ler no colégio...

C. C. – Ele fazia o quê?

J. N. – Meu pai era alfaiate. Foi alfaiate até os anos 1960, e quando... acho que ele se deu conta que o ofício dele estava desaparecendo, uma revolução tecnológica, vamos dizer assim, da época, à medida que as empresas começaram a vender terno, Bemoreira Ducal, essas empresas começaram a entrar no mercado, aí ele...

C. C. – Bemoreira Ducal! Isso é atestado de velhice...

J. N. – É. [riso] E aí ele passou a viver de pequenas confecções. Que é uma tradição em Friburgo também. Malharia primeiro, depois uma fábrica de confecção...

C. C. – Até hoje.

J. N. – É. Bom. E minha mãe era dona de casa. Então assim, eles... Eu estava pensando nisso. Eu acho que a melhor forma de designar a minha família, em termos... é usar um termo que a gente usava na época para dizer que nós éramos remediados. Acho que o mundo, meu mundo de infância só tinha três grupos: os ricos, que eu sabia, quando ia à casa de um deles, de colegas que tinham... que não eram ricos para o padrão do Rio, mas, para Friburgo, eram ricos – tinham piscina na casa, casas grandes; tinha os pobres; e tinha os remediados. Eu acho que eu me enquadraria numa família assim, desse tipo. Eu estudei no melhor colégio da cidade...

C. C. – O Anchieta?

J. N. – O Anchieta. Frequentei o melhor clube, mas, por outro lado, nunca fiz uma viagem, a gente não saía para comer fora, não... acho que tinha pouca roupa...

C. C. – Quantos filhos eram?

J. N. – Eu tenho mais três irmãos. Eu não tinha roupas em demasia. As coisas eram mais contadas em casa; mas, os dois símbolos de status, vamos dizer assim de uma pequena cidade, que talvez defina uma família remediada em relação aos outros é isso: ser sócio de um clube, estudar num bom colégio privado. Nenhum dos meus colegas de rua, por exemplo, vizinhos, nem eram sócios do clube nem frequentavam o colégio.

C. C. – Você mencionou seu pai udenista, lacerdista. Ele tinha uma atuação política, ou era uma simpatia?

J. N. – Não. Meu pai... Quer dizer, ele morreu quando eu tinha dezoito anos. A convivência que eu tive com meu pai foi na adolescência, que a gente conversava um pouco mais e aí eu sabia da história dele. Enfim, ele amava o Lacerda, como muitas pessoas do interior do Rio, uma geração, ele apoiou o... tinha simpatias pela Arena, pelos políticos locais que eram da Arena, e depois... e o meu embate com ele já, assim, no fim da vida era que eu me tornei um militante juvenil de esquerda, e ele era um conservador. Então, eu botava uns quadros na parede do meu quarto, ele ia lá e tirava. Coisas desse tipo. [riso]

C. C. – Mas essa mobilização sua foi no Anchieta? Você estudou lá? Tinha o quê? Grêmio?

J. N. – Eu estudei no Anchieta, é. Eu fiquei, digamos assim, mais politizado a partir de trabalho pastoral no colégio, nos desdobramentos todos. Trabalhos de... Eu fazia visitas a favelas, por exemplo, durante alguns anos. Isso é um trabalho a partir de 15, 16 anos, eu comecei a me envolver nesse tipo de trabalho. Começou como um trabalho pastoral. Grupo jovem. A gente tinha um trabalho de passar duas semanas por férias... um pouco... uma mistura de... aquele movimento da... como chama? Eu vou lembrar. Do Ministério da Educação nos anos...

C. C. – Mobral?

J. N. – Mobral, não. O que mandava as pessoas para o interior.

C. C. – Rondon.

J. N. – Rondon. Era uma mistura de Projeto Rondon com certo maoísmo, assim. A igreja de esquerda mandava os jovens...

C. C. – Mas isso, da parte dos jesuítas, o colégio.

J. N. – É. Os jesuítas, e depois eu me envolvi também com...

C. C. – Ou eram os colegas que puxavam para a mobilização?

[Interrupção da gravação]

C. C. – A sua mobilização política. Se ela vinha mais dos jesuítas, dos padres ou dos colegas.

J. N. – Começou com a atividade ligada aos jesuítas, vamos dizer assim, ao colégio, e depois isso, com o trabalho na paróquia, na diocese, enfim, essas coisas, as fronteiras são tênues. O fato é que eu fui um militante de trabalho religioso com cunho mais de esquerda, progressista, Teologia da Libertação, essas coisas todas, e depois, isso, o desdobramento natural era ser militante do PT. Foi em 1981. Eu já era militante do PT.

Sérgio Praça – Só um pouquinho antes disso. Não havia, nessa época, mais um risco de ser pego pela polícia? Era perigoso esse trabalho?

J. N. – A gente já estava ali no momento final do regime Figueiredo, num momento de abertura. Tiveram algumas situações com colegas meus, assim, com a polícia em Friburgo, coisas... Mas eu não acho que tenha sido uma questão fundamental. Havia um ambiente... Claro que esse envolvimento com o trabalho de esquerda significava tudo: era cineclube, alguns dos meus colegas se envolviam com cineclube, outros, com teatro popular, teatro do Boal, era *Teatro do Oprimido*...

C. C. – *Tá na Rua, Teatro do Oprimido*.

J. N. – *Tá na Rua*. Tudo...

C. C. – Não. *Tá na Rua* é do Haddad.

J. N. – Do Haddad. Mas isso tudo circulava lá por aquele... Festivais de poesia, festival de...sei lá. E misturando isso com o trabalho, que era um trabalho basicamente de apoio a padres e... trabalhos pastorais mais pela esquerda mesmo.

C. C. – Você falou da militância no PT. Foi ainda em Friburgo?

J. N. – Foi. Foi. 1981.

C. C. – Tinha acabado de surgir. 1981.

J. N. – É, 1981. E, basicamente, o último ano que eu estava no ensino médio, militante assim, de toda semana ir para... Em 1982/83 eu já tinha vindo para o Rio. Eu vim para o Rio em 1982.

C. C. – Eu te pergunto. Em 1981, eu entrei no IFCS em 1981 e tinha o pessoal do PT e tinha o pessoal dos partidos comunistas... do Partido Comunista, o Partidão e tal, tinha a coisa da Frente. O PT era tido por esses como sectário, fazendo as coisas isolado do resto, e tinha a questão de que era preciso mobilizar uma frente para derrotar... Isso também era... Tinha essas coisas lá, na época, ou não?

J. N. – Menos, porque o PT, em muitas cidades do interior, nasceu como um... tinha uma base sindical. E lá em Friburgo era uma mistura. A base sindical era professores que tinham feito as greves importantes aqui em 1978/79, mas eu e minha geração, muitos dos meus colegas que estavam nesses trabalhos comigo, alguns sindicalistas operários, então tinha uma cara. E esse tema da Frente com outros partidos, na cidade, não se colocava muito. Tinha em Friburgo, sim, uma tradição forte do brizolismo, do PDT, do antigo trabalhismo, que aí, sim, havia um certo confronto,

digamos, uma geração de jovens – professores, estudantes mais de classe média – e uns trabalhistas mais tradicionais, antigos, que tinham fundado o PDT.

C. C. – E ciências sociais, como é que surgiu o seu interesse?

J. N. – Eu cheguei no terceiro ano, eu tinha que fazer uma escolha. Há uma tradição de jovens, na minha cidade, que – isso permanece, meus sobrinhos, vários conhecidos –, que vêm estudar... vão lá para baixo, como a gente gosta de dizer, vem para o Rio ou Niterói para fazer a faculdade. Isso, meus irmãos tinham estudado aqui no Rio, tinham vindo os dois, na década de 1970, e, para mim, isso se colocou quase como uma coisa natural: “Vou para o Rio”. E as opções que eu tinha eram... assim, como um militante, uma pessoa totalmente... as minhas leituras... todo o meu mundo era o mundo de... da política, digamos assim, no segundo e terceiro ano. Aí, naturalmente, eu pensei: ou história ou ciências sociais. E comecei a conversar com as pessoas. E é curioso, porque uma das razões que eu optei por fazer ciências sociais foi um curso que eu fiz de – um fim de semana, com um padre, padre Ávila, que é um dos maiores sociólogos católicos, um curso desses de imersão, de sábado e domingo, dois dias –, de realidade brasileira, essas coisas assim, política internacional. E eu gostei. Ali, eu falei: eu acho que é isso que eu quero ser. E é engraçado. Muitos anos depois, eu fui dar uma palestra lá no Ibrades, onde ele ensinava, (ele já estava muito velhinho) ele estava assistindo, e eu vi alguém lá, eu falei: “Eu conheço esse senhor aí”. Aí ele me fez uma pergunta, se apresentou, e depois eu fui dizer para ele: “Padre Ávila, eu fui fazer ciências sociais muito em função daquele curso que o senhor deu”. Claro que ele não lembrava. Mas é uma história prosaica assim. Eu acho que tem um caminho natural entre história e ciências sociais. Não havia muitas opções na época para quem... alguém com o meu perfil, então eu vim. E preferi estudar em Niterói, fazer a UFF. Eu acho que um pouco por essa ligação do interior com a antiga capital...

C. C. – Antigo Estado do Rio de Janeiro.

J. N. – Era muito mais... Meus colegas, a gente vai muito mais... Ia. Não sei se é ainda, a referência para o interior do estado ainda é Niterói, como um centro. Hoje, menos. Mas na época ainda era. A fusão foi em 1976. Isso era 1981, a escolha. Em 1982 eu comecei a estudar. Então tinha esse fascínio, essa atratividade por Niterói.

C. C. – E o curso de ciências sociais lá como é que era, na época? Você estudou de 1982 até 1985.

J. N. – 1985. Ah. Tipo o curso de ciências sociais. Uma época muito politizada, obviamente, com a... 1982 foi a eleição do Brizola, 1984/85 a transição... Enfim. A campanha das Diretas. Foi um período de muita ebulição na faculdade. Mas a estrutura do curso eu acho que não é muito diferente dos cursos de ciências sociais hoje, das federais. O programa de... as três áreas, com uma formação básica e com as optativas, que você ia escolhendo. E curiosamente –, aí, talvez, é uma coisa engraçada –, eu era excepcional aluno de antropologia. Eu tirava só dez. Eu tirei todos os cursos quase com nota dez.

C. C. – Quem eram os professores que você mais?...

J. N. – A Simone... Olha. Antropologia. O Mello, a Simone Lahud Guedes, o José Carlos Rodrigues. Eu tive uma boa formação de antropologia. E de política, vários dos professores que até recentemente estavam lá: Maria Celina foi minha professora, o José Augusto Drummond, a Maria Leopoldi, José Nilo Tavares. Tinham bons professores de ciência política. Mas eu acho que eu era muito militante para estudar teoria política, então eu não ia bem em teoria política. E, não sei por que, eu era bom aluno de antropologia. Quando eu resolvi fazer o mestrado de ciência política foi uma surpresa entre os meus colegas, e eu não ter ido fazer o Museu, porque eu era muito melhor aluno em antropologia. Mas... Enfim.

C. C. – Mas você chegou a ter... sei lá, bolsas de iniciação, alguma coisa, estágio?

J. N. – Não. Não.

C. C. – Nada?

J. N. – Quer dizer, a única... Eu fiz estágio. Quando eu estava no quinto período, eu... aí, um pouco a ver com a minha militância, os contatos – eu consegui estagiar no Ibase. Eu trabalhei dois anos como estagiário.

C. C. – O Ibase tinha sido fundado pelo Betinho há pouco. Foi fundado em 1981. Então, você estava lá nos anos iniciais.

J. N. – Betinho. É. Justamente. É, iniciais.

C. C. – Você fazia o que no Ibase?

J. N. – Eu trabalhei em várias equipes.

C. C. – Era aqui em Botafogo, onde é o EcosEkkos hoje, o restaurante.

J. N. – É. Equipes de... O que faziam os estagiários clássicos. Desde selecionar notícia de jornal, organizar entrevistas, material dos pesquisadores... Enfim, eu comecei assim. Depois que acabou o meu estágio, quando eu me formei, eu acabei sendo efetivado, trabalhei no Ibase um tempo. Mas esse período foi muito interessante, porque o Ibase era uma instituição... foi uma instituição muito importante nos anos 1980. Acho que a universidade estava muito defasada em certos aspectos. Por exemplo, o Ibase trouxe computadores, os...

C. C. – Alternex. Era uma novidade.

J. N. – Alternex. Criou...

C. C. – Foi o primeiro provedor.

J. N. – Justamente. Foi o primeiro provedor. E tinha uma ideia de, digamos assim, gerar conhecimento, como várias outras instituições tinham essa ambição, para movimentos sindicais, para dioceses, que não tinham um diálogo com a universidade. Acho que a universidade estava muito esvaziada em alguns lugares do Brasil. E o Ibase cumpriu, eu acho, ali nos anos 1980, um papel importante de ser o centro de reflexão, de produzir material, de ampliar as informações. Por exemplo, jornal, nessa época, era algo que não chegava ao Brasil mais profundo, então, você fazer uma edição das notícias do jornal e mandar como boletim era uma... Hoje, isso não faz nenhum sentido, mas naquela época fazia. Então, uma experiência bacana ali de...

C. C. – Você trabalhava com algum tema específico, algum pesquisador em particular?

J. N. – Eu trabalhei com Marcos Arruda, com temas de movimentos sindical, operário, que é um tema que eu gostava pelo lado da militância, e depois eu fui começando a trabalhar com uma jornalista, Ana Lagoa, que fazia mais um estudo de conjuntura. Eu ajudava ela selecionando as notícias. Tinha umas reuniões noturnas de conjuntura. Eu lembro que eu fazia o levantamento assim, em 1985, uma coisa que eu lembro ter feito, dos novos partidos, então, o mapeamento daqueles novos partidos, as tendências da esquerda que estavam surgindo ali, aquelas pequenas facções dentro do PT, mapear aquele negócio...

C. C. – Liberou.

J. N. – Justamente. Como não havia muita informação, eu lembro que eu fiz uma pesquisa desse tipo como subsídio para essas reuniões. Mas aos poucos eu comecei a tratar de temas mais políticos, que eu, depois, acabei me...

C. C. – Mas você foi contratado como pesquisador, terminou o estágio, antes de entrar no mestrado?

J. N. – Antes de entrar no mestrado. Era um pouco natural. Eu acabei minha graduação com 21 anos, entrei com 18, fiz os quatro anos, já estava lá, e havia um espaço para contratar novos pesquisadores. E aí, como pesquisador, eu comecei a tratar mais de temas que depois eu trataria. A gente fez um centro de acompanhamento da Constituinte em 1987/88. Um movimento pró... Claro, sempre com esse toque: um movimento pró participação popular, que fazia as emendas, pedia assinaturas para emendas populares, fazia um certo lobby, pela esquerda vamos dizer assim, para o trabalho constituinte, reuniões e tal. Eu comecei a tratar esse tema assim mais... que depois... temas mais próximos, que eu trataria depois como pesquisador.

C. C. – E o mestrado no Iuperj? Você fez a seleção em 1987 e entrou em 1988?

J. N. – Isso. Isso. Faz trinta anos agora, esse ano, que eu comecei o Iuperj. O tempo passa. E na verdade, eu comecei a me dar conta... É engraçado porque, nessa época, a gente não sabia muito bem o que era mestrado. Eu vejo por meus alunos. Eles sabem o que é o mestrado, o doutorado. Eu não tinha muita noção. Eu sabia que acabando a graduação... Eu tinha virado um generalista, porque eu estudei em três coisas. Para eu continuar... Para ser um cientista político, (olha a minha ideia) eu tinha que continuar estudando, para fazer uma especialização. Eu fui fazer mestrado assim, sem saber muito bem o que era. Eu sabia que, para eu ganhar um... digamos assim, um rótulo de cientista político, eu tinha que fazer o mestrado. E como lá no Ibase tinham pessoas... O Átila Roque, que depois foi... atualmente ou até recentemente foi presidente da... acho que agora está à frente da Ford Foundation. Ele era um colega lá, estudava no Iuperj, a Ana Lagoa também, que foi a minha chefe por um tempo, ela também estudava no Iuperj, e falaram: “Olha. O Iuperj é muito puxado”. Tinha fama de ser um lugar muito... “Mas é o melhor programa”. Aí eu comecei, comecei a estudar para a prova, ao longo do ano de 1987. Eu já tinha... Portanto, eu já tinha ficado... Comecei no Ibase em 1986, acabei a faculdade em 1985, então eu trabalhei em 1986 e 87 no Ibase, mas já estudando para tentar fazer o mestrado.

C. C. – E, entrando no Iuperj, você... Bom. Você vai ser orientado pelo Olavo Brasil. Como é que foi? Você já conhecia ele antes? Foi algum curso?

J. N. – Não. Não. Eu até, quando eu entrei, a gente tem que indicar alguém, eu tinha lido o livro do Eli Diniz, *Voto e Máquina Política*, para fazer a prova, e indiquei o nome dela para ser minha orientadora; mas, chegando lá, acabou que eu não... a gente perdeu o contato, ela estava tratando de temas mais... ela tinha feito uma virada para estudar temas de políticas públicas, empresários, não estava tão interessada nesse assunto, e o Olavo organizou... Isso, em 1988, um ano depois que eu... 1989. Um ano depois, o ano das eleições presidenciais. Ele fez um laboratório em que nós começamos a ler textos de livros que ele tinha comprado, livros depois importantes, sobre sistema eleitoral, sistema partidário. Ele tinha atualizado a literatura, digamos a biblioteca. E ele deu um curso em que nós lêssemos junto esses livros que ele tinha comprado, atualizado.

S. P. – Livros em inglês.

J. N. – Em inglês.

S. P. – Você sabia bem inglês?

J. N. – Não, não sabia, não. Eu entrei no Iuperj, eu não tinha estudado inglês na minha vida assim, eu tive dificuldade, e comecei a fazer aula particular para fazer uma espécie de inglês...

S. P. – Instrumental.

J. N. – Instrumental, para ler. Eu não tinha, em Friburgo, eu não tinha essa... Nem uma coisa de... Eu acho que quem fazia inglês era uma minoria, como, sei lá, hoje, alguém que faz francês, Aliança Francesa. Mal comparando. Uma cidade do interior, tinha cultura, mas era um ambiente frequentado por aqueles que eu chamei de ricos, os de uma classe média alta. A minha família nisso eu acho que nem entrava. Então, eu não sabia. Isso foi uma dificuldade para mim, inicialmente, lá no Iuperj. Mas depois, eu fui ganhando, fui aprendendo a ler, fazendo cursos e melhorando a minha leitura. O que mais? Bom. Isso foi uma questão. Mas...

C. C. – E o professor?

J. N. – Isso que eu estou contando. Do Olavo. Ah. Do curso. Eu acho que esse laboratório foi muito *legal* porque vários dos meus colegas de geração nos formamos

ali. O Octavio Amorim era meu colega de sala, de turma, o Alckmin também era, Nelson Carvalho. Só para lembrar, quatro pessoas, assim, que continuam ativos como cientistas políticos. Esse laboratório foi tão bacana que o Olavo organizou um livro, publicou em 1991, com artigos de teses de... nossas, teses e pesquisas. O Fabito, Fabiano Santos, era de uma turma depois, não se envolveu tão diretamente nesse laboratório, mas era... estava ali, também, no ambiente próximo, digamos assim, do Olavo. Eu acho que foi esse momento em que eu comecei a ter um... a me familiarizar com a literatura de sistemas eleitorais, de sistema partidário e comecei a entrar por essa área de pesquisa. E a minha dissertação foi sobre isso. Por aí vai.

C. C. – E você emendou o doutorado também. Ficou direto.

J. N. – Foi. Fiquei direto. Fiquei direto porque... É curioso. O Iuperj fez uma mudança grande entre 1990... mudou completamente o programa de doutorado porque havia muito poucos doutorandos na instituição, a passagem era truncada, poucos alunos ficavam, e eles criaram um sistema, que está em vigência até hoje, que é do Iesp, que é quase uma passagem automática dos mestrados para o doutorado. Se os alunos vão bem, eles conseguem fazer a dissertação a tempo e têm notas razoáveis, eles, praticamente, ficam na instituição. Mas não era assim então. A minha geração foi a última que foi dada a opção: você quer tentar a prova, e é uma qualificação ir para o doutorado direto, sem fazer a tese, ou você quer... ou vocês - querem fazer o caminho tradicional? Eu optei pelo caminho tradicional. Então, eu me inscrevi para o doutorado sem acabar a dissertação de mestrado, com o que eu tinha escrito ali no final de 1990, e passei, com o compromisso de acabar a dissertação antes de começarem as aulas. Compromisso que eu cumpri. Eu defendi a dissertação em março, comecei a ser aluno de doutorado em março de 1991. Então eu fiquei, fiquei direto, mas fiz a dissertação, e depois fiquei no doutorado. Não optei pelo sistema de qualificação.

C. C. – Além do Olavo, quem você teve como professor? Quem te marcou mais?

J. N. – Eu tive José Murilo. José Murilo, na época, os cursos de pensamento em política brasileira eram muito badalados, e foi bom eu ter me familiarizado um pouco com a história do pensamento brasileiro, me ajudou depois, e conhecer mais história do Brasil também. Eu fui aluno... Aí de outros professores em disciplinas optativas. Por exemplo, Ricardo Benzaquen. Fui aluno do Renato Boschi e da Eli Diniz em teoria, do Luiz Eduardo Soares e Cesar Guimarães em teoria política também. Mas a figura central

foi o Olavo, tanto por conta desse laboratório que ele fez em dois módulos o mestrado, e depois, quando a gente entrou no doutorado, alguns colegas e outros jovens que apareceram, ele continuou durante uns dois anos, e eu estive integrado. Eu acho que devo ter feito umas cinco disciplinas com Olavo. O doutorado era mais... era menos disciplinar e mais tutorial do que é hoje, então tive esse contato muito forte com Olavo, e isso acabou me influenciando. E o ambiente do Iuperj, as palestras, ambiente de muita efervescência em termos de eventos, de pesquisadores do Brasil que passavam por lá. Foi uma época bacana ali no... nesse final dos anos 1980 e começo dos 1990. Não fui aluno do Wanderley, que estava saindo do Iuperj quando eu estava entrando. Mas também não fui aluno do Werneck, que é outra figura importante. Mas... Porque ele é sociólogo, as disciplinas dele estavam mais voltadas nesse momento para questões judiciais, temas que eu não me interessava tanto. Mas, assim, dos iuperjianos tradicionais, eu acho que Olavo, Jose Murilo, e os outros professores, em outro nível, também foram importantes.

S. P. – Quais são as principais diferenças de fazer mestrado e doutorado naquela época, comparado a agora? Porque, pelas histórias que eu estou ouvindo dos cientistas políticos que a gente está entrevistando, havia muito menos orientações, amarras do MEC e da Capes. Professor Limongi fez a dissertação em seis anos, na Unicamp.

J. N. – Eu não sei assim. Eu acho que tem um problema de escala. Eu percebo que a principal diferença entre a pós do meu tempo, dos anos... no Iuperj, por exemplo, e o que eu observo hoje é que o Iuperj era uma instituição pequena basicamente de pesquisa, com o ensino, o ensino não era... O ensino juntava todos os professores, mas não era a questão central. Praticamente todos se envolviam em pesquisa. E tinha poucos alunos, quer dizer, era uma turma de mestrado de dez alunos, um doutorado de oito, sete, por ali, dez no máximo, então, no final das contas, o Iuperj recrutava no Rio os alunos de duas graduações basicamente, da UFRJ e da Fluminense, de ciências sociais, mas eu tive muitos colegas de história, de comunicação, de direito. Era um... vamos dizer, era um centro de excelência, acho que à maneira do Museu também, que atraía alunos de economia, e bons alunos de humanidades, alunos que por alguma razão queriam estudar ciência política ou sociologia, e isso fazia com que o programa ficasse mais seletivo do ponto de vista de investimento. Depois, houve um aumento muito grande de alunos, uma mudança de perfil, uma massificação, que tem componentes positivos porque, enfim, é muito mais gente tendo acesso à pós, já nesse registro de

you orientar no período certo para garantir a bolsa. Se a produtividade cai, você não tem renovação de bolsa. Isso, sim, começou, a partir eu acho que do final dos anos 1990, a se impor com mais força. Mas esse fenômeno parece que veio associado a essa mudança das ciências sociais: muito mais cursos, muito mais procura para fazer mestrado, muito mais gente menos de outras cidades do país e mais daqui do Grande Rio, porque com essa abertura de cursos de ciências sociais em vários lugares, eu acho que teve uma pressão maior para os programas, e, durante um tempo, a ciência política do IUPERJ era a única no Rio. Mas eu não sei se essa é a diferença. De fato, para mim pessoalmente, eu tinha que acabar o mestrado porque eu precisava trabalhar e já ir para o mercado. Não tinha... Precisava me sustentar.

C. C. – Você saiu do Ibase no mestrado ainda?

J. N. – Eu saí... É. No mestrado. Em 1990.

C. C. – Aí você deu aula na universidade.

J. N. – Aí, quando eu saí do Ibase e depois fui para o doutorado, eu precisava, além da bolsa, eu comecei a dar aula. Isso era muito comum. Acho que ainda é. Mas nessa época era um caminho natural. Não havia concurso em universidade pública, e a gente fazia... dava aula como horista em universidade privada. Alguns iam para a PUC. A Faculdade da Cidade era uma faculdade muito pequena, basicamente de jornalismo, e tinha lá cinco, seis cientistas sociais no núcleo, eu passei lá um tempo. Depois fui professor substituto na UERJ, professor substituto na UFRJ. Com espírito de completar a renda da bolsa. Precisava de dinheiro para viver.

C. C. – Estava casado já? Filho?

J. N. – Já estava casado, já tinha um filho.

C. C. – Quando você casou, teve filho?

J. N. – Eu casei em 1985. Em 1986.

C. C. – Quando acabou a graduação.

J. N. – Acabei a graduação e casei. Um ano depois, 1987, tive filho. Meu filho tem 31 anos. [riso] Tem que fazer a conta direitinho, se eu acertei na cronologia. Ele tem 31... Então, é isso aí. Ele nasceu em 1987.

C. C. – E fala um pouco, Jairo, sobre a sua pesquisa, a sua tese, a fragmentação do sistema partidário brasileiro.

J. N. – Doutorado?

C. C. – Doutorado, é. Qual era o... vamos dizer o estado da arte? O que era estudar esse tema na época?

J. N. – É. Na verdade, esse tema foi uma certa continuidade. No mestrado, eu comecei a estudar o sistema eleitoral brasileiro por dentro, comecei a me interessar muito. Li livros que são importantes na disciplina, nessa leve de textos que o Olavo tinha comprado, livros do Sartori, livro do Lijphart, as duas coletâneas dele sobre sistemas eleitorais, depois o trabalho de Shugart. Esses textos publicados no final dos anos 1980 me influenciaram muito, então eu comecei a ler o sistema eleitoral brasileiro a partir, digamos assim, dessa reflexão mais comparada, que estava sendo feita fora daqui, que eu tinha tido acesso. Fiz um primeiro experimento no mestrado, com a minha dissertação. E aí, antes de eu completar o doutorado, tem uma história engraçada. Eu publiquei como livro a minha dissertação, o que era incomum. Engraçado porque eu fui num programa de televisão que o Milton Temer, na época, organizava, chamava *Em busca do tempo perdido* esse programa, que era assim: ele apresentava teses de biólogos, historiadores, era um programa para divulgar teses e pesquisas da Universidade do Rio, basicamente do Rio, e por alguma razão eu cheguei lá, ele me chamou para falar da minha dissertação. E eu fui ao programa, conversamos sobre – naquela época, isso aí é em 1992 – sobre reforma política, porque havia plebiscito no ano seguinte, e pronto. Eu lembro que eu fiquei nervosíssimo ali, com aquela entrevista. [riso] Eu tinha 27 anos, eu acho. E aí, pronto, acabou. No outro dia, ligaram lá para o Iuperj, e um sujeito queria fazer uma nova editora, ele viu e ligou para lá, me procurou, nós fizemos uma reunião, ele queria fazer um livro, publicar a minha dissertação. Claro que ele não entendeu muito bem a minha dissertação porque era muito técnica. Eu falei: “Está bom. Eu topo. Mas vou fazer uma coisa diferente”. A partir daí, eu acabei escrevendo um livrinho chamado *Sistema Eleitoral e Reforma Política*, que era um manual das famílias dos sistemas eleitorais. Não tinha coisa do gênero no Brasil. E tinha uns capítulos sobre reforma política. E como ele foi publicado no ano do plebiscito, 1993, ele teve uma acolhida incrível! Mais do que qualquer outro livro que eu... Foi assim, indicado na *Veja*. Você imagina o que é. [riso] O que ler sobre o plebiscito. Estava lá meu livro. Entrevistas nos jornais. Eu era... Eu comecei a ser chamado para

eventos. Eu, doutorando do Iuperj, eu me lembro que eu fui num almoço lá na Barra para discutir o plebiscito de abril, eu e o deputado Artur da Távola, debati com Saturnino Braga... Eu... Assim.

C. C. – Não rolava inveja, não? [riso]

J. N. – Eu não sei. Aquilo foi tão surpreendente, o negócio do livro. E eu lembro sempre de uma coisa engraçada. O Iuperj era uma instituição muito fechada na época. Assim, os professores mal te cumprimentavam, era aquele casarão, em que... quase cada um nas suas celas ali. E foi, a casa do Iuperj foi uma abadia, foi uma casa de freiras. E era uma instituição muito... Eu acho que, eu passei dois anos lá, e nunca lembro – só Olavo – um professor falar o meu nome. Uma coisa... Isso aí não é uma... Ninguém. Na aula, sei lá.

C. C. – Mas por quê? Porque lá era o Olimpo da ciência política e eram seres superiores, ou era diferente?

J. N. – Eu não sei. Eu acho que era um vínculo... Eu acho que tinha um vínculo... Quer dizer, a ideia de ser um centro de pesquisa, os professores davam aula, aquilo ali era feito de uma maneira... tinha um pouco... um distanciamento maior do que depois veio a ter. Sei lá. Porque eu talvez não tivesse me destacado como aluno. Não sei qual é a hipótese. O fato é que eu lembro, quando eu lancei o livro, vem essa repercussão, um dia, eu estava sentado no pátio, e o professor Werneck gritou lá da janela assim: “Professor Jairo!” Professor não. Era: “Jairo. Parabéns!” Eu levei um susto. Pela primeira vez eu ouvi alguém que não tinha sido Olavo, eu acho, falar o meu nome assim. Porque, realmente, era uma instituição... E o livro teve... eu acho que de certa maneira me ajudou como aluno no doutorado. Então o meu tema acabou sendo um desdobramento da pesquisa que eu tinha feito para a dissertação. E eu fiquei em torno desse tema. Agora incorporando a dimensão do sistema partidário. Assim, a relação entre sistema eleitoral do Brasil e o sistema partidário.

C. C. – E você participava da Anpocs, essas reuniões científicas, quando?

J. N. – No doutorado. Eu também não sabia o que era Anpocs assim. Eu fui saber da existência da Anpocs quando eu estava no segundo para terceiro ano; em 1994, por ali, já acabando o doutorado, eu comecei a frequentar a Anpocs, 1993/94, porque aí eu já estava mais integrado como doutorando avançado, digamos assim, do Iuperj. Em

1994, eu estava no doutorado ainda, e veio o convite para eu trabalhar no Iuperj. Sem acabar o doutorado.

C. C. – Mas deixa eu perguntar da Anpocs. Lá, você encontrava, vamos dizer assim, cientistas políticos de outros lugares, da USP, de Minas, de alguns outros centros que estavam criando, enfim, a Unicamp...

J. N. – Sim. É.

C. C. – Como é que você se sentia, vamos dizer, a identidade de cientista político com outros?...

J. N. – É. Na verdade, eu comecei a participar da Anpocs, eu lembro que tinha um grupo chamado Grupo de Elite Política, se chamava assim. Era um grupo organizado pelo Renato Lessa que... um dia dedicado ao Judiciário e à burocracia, vamos dizer assim, um dia, sistema eleitoral e sistema partidário e outro dia, estudos de elites. Não me lembro bem mais os três... o GT. Então, nessa época eles juntavam, digamos assim, uma parte grande da ciência política empírica... Ah! Tinha... Um outro dia era Congresso. Lá que eu conheci, por exemplo, o Fernando e a...

C. C. – Limongi.

J. N. – Fernando Limongi e a Argelina, que estavam começando uma agenda de pesquisa, em 1994, por ali, em São Paulo, os... no Idesp tinha o Claudio Couto, o Abrucio, que eram jovens...

S. P. – Era no Cedec.

J. N. – É. Desculpe. Cedec. Que estava lá com aquele professor que eu não vou lembrar o nome dele, que faleceu depois, que era uma figura importante, que reunia esses...

S. P. – O Régis Andrade.

J. N. – Régis. O Régis também ia nesse grupo, a Maria Hermínia. O Renato teve muito talento em juntar ali Fabiano, jovens como eu, depois o Marcos André, juntava pessoas um pouquinho mais velhas e um pouquinho mais novas do que eu, e professores mais velhos, como o Wanderley, que ia para comentar um *paper*, o Werneck. Enfim, esse grupo, eu acho que durante alguns anos, para mim foi um lugar assim de... O Olavo, claro, estava nisso. O Giusti Tavares, lá do Sul, bem mais velho que eu, mas foi

um colega, porque ele também tinha interesse nesse tema, a gente compartilhava muito livros e pesquisas sobre sistemas eleitorais. Então esse momento eu acho que foi... a Anpocs, com esse grupo – que depois ele se dividiu em vários outros – foi um período bacana. A Anpocs tinha um papel. Que depois deixou de ter, eu acho.

C. C. – Por que você acha que deixou de ter?

J. N. – Deixou de ter por razões sociológicas. A Anpocs nesse tempo, eu lembro que a gente tinha que mandar o *paper*, você tinha que mandar dez cópias, abrir o ginásio, e os *papers* eram vendidos, então você tinha que correr lá para comprar o *paper*. Se fosse hoje, cinco reais cada artigo. Você comprava, aquele dinheiro ficava para a Anpocs, e... aquela história: “Ih. Você viu o *paper* de fulano?, o artigo de beltrano, um artigo novo?” – “Ah. Não consegui comprar. Então tinha uma xerox para mim”. Enfim, era o lugar em que você podia encontrar os seus colegas, os seus pares, fisicamente, ter acesso fisicamente a trabalhos novos. Quase que perdeu o sentido como um lugar de compartilhamento de trabalhos científicos porque depois os *papers* passaram a ser colocados, disponibilizados antes do evento. Depois, com essa massificação, crescimento das ciências... o número de estudantes, do tamanho da escala da Anpocs, essas mesas passaram a ser... tiveram que incluir mais gente, ficarem em quatro, cinco, às vezes desdobrar...

C. C. – E mais sessões também. Mais grupos.

J. N. – Mais sessões, mais grupos. E tudo foi ficando mais corrido, mais diluído, e você vai, fala vinte minutos... Então... E eu acho que as três áreas, quando não havia a consolidação das três associações, ABA, a SBS e ABCP sobretudo, que foi a última, a ABCP é de 1997, eu acho que a Anpocs tinha um papel mais importante para os cientistas políticos, porque a gente não tinha uma associação, do que tinha para as outras áreas. E, depois que se consolidam as outras áreas, os encontros, sobretudo, as associações têm mais potência, eu acho que a Anpocs, particularmente, perdeu muito a importância como um lugar de... não só de compartilhamento de trabalhos científicos mas também de arena de debate de grandes temas nacionais. Foi perdendo. Eu acho que esses encontros, a meu juízo, eles perderam muito da sua função. Mas, não sei bem por que, as associações não conseguem inventar um novo formato de encontro. São sempre parecidos: mesas-redondas de manhã, grupos à tarde, à noite, uma conferência, e...

C. C. – Quinze minutos para cada um falar...

J. N. – Quinze minutos para cada. O rendimento disso é baixo, os encontros ficam caros, mas as associações continuam insistindo nesse modelo de encontros analógicos. E... Enfim. Claro que isso tem um ritual de passagem, de iniciação para muitos jovens pesquisadores, eu acho que tem algumas áreas que se organizaram bem e se reúnem, mas, na média, eu acho que o rendimento é muito baixo.

C. C. – Antes de falar da contratação no Iuperj, só uma coisa que você mencionou, e não deu sequência. Você falou da sua militância política, de PT e tal. Ela continuava aí, ou parou em algum momento?

J. N. – Não. Parou. Parou. Eu acho que à medida que eu fui... Eu fui fazendo uma passagem. Eu fui ficando mais acadêmico. À medida que eu deixei o Ibase, fui me tornando mais um pesquisador assim... digamos com uns cacoetes de um pesquisador acadêmico do Iuperj, estudando mais, eu também fui me desinteressando pela militância, o PT, ali nos anos 1980. Até 1989, ali na década de 1980, eu ainda tinha uma certa afeição pelo PT. Aí depois, fui me afastando e... e preferi, (para ficar assim) pessoalmente, profissionalmente, não ser militante. Não só meu estilo como cientista político, um cientista político pouco militante, que eu desenvolvi, sei lá, por... um pouco personalidade, por estilo acadêmico, mas também a militância partidária me cansou. Eu... Enfim. Não era a minha.

C. C. – Mas isso no Iuperj não era menor do que em outros lugares, ou não? O espaço ou o estímulo para ter uma militância política.

J. N. – Menor. Era, sim, menor. Havia... Quer dizer, todos os meus colegas, talvez de geração, um pouquinho... uma geração alguns anos para frente e para trás, meus colegas de Iuperj, em geral, a gente ia para ciências sociais e depois para a pós com um caminho... todo mundo veio pela militância, praticamente. Quer dizer, não é uma decisão intelectual: vou estudar ciência política. Hoje até tem isso. Eu vejo que as pessoas fazem ciência política, às vezes, para estudar teoria política clássica. Eu até brinco que hoje você pode conhecer cientista político que não gosta de política, política ordinária assim. O sujeito é cientista político, mas não... Para minha geração no Iuperj, isso é impossível; a eleição de 1989, Constituinte, a redemocratização, criação de partidos, isso contaminou todo mundo, e no final a gente foi estudar, foi fazer ciências sociais e depois foi fazer a pós-graduação, nesse espírito. Agora a relação mais ou menos militante, no sentido de estar envolvido com partido, com política, acho que

depende de cada um. Acabou que eu fui desenvolvendo um jeito, e, talvez pelo meu tema, eu comecei a dialogar com muitos políticos, curiosamente, de vários partidos, por conta de debate de reforma política, eventos de todos os tipos, e isso para mim ficou melhor, profissionalmente, eu ser assim, ter esse diálogo com pessoas diferentes, políticos e intelectuais; e também achei que... me convenci que a contribuição melhor que eu poderia dar como profissional seria fazer um trabalho mais analítico lá, depois que eu comecei a usar mais estatísticas, mais dados, mais análises empíricas, do que propriamente opinião. Eu nunca... Um dia eu já devo ter tido essa... porque todo mundo teve essa fase, mas eu nunca fui bom de artigo de opinião, escrever para o jornal; a não ser temas assim afeitos a minha pesquisa, tema sobre reforma política; mas fazer uma análise de conjuntura, a seco assim, sobre um processo, um *impeachment*, fazer um artigo bom, se me convidarem, eu tenho dificuldade. Talvez saia. Mas não é a minha. Não é como eu conseguiria me arrumar profissionalmente.

S. P. – Mas você acha indesejável para um cientista político ser militante de um partido?

J. N. – Não, não. Não acho, não. Eu acho bom. Eu acho que até falta. A maioria dos cientistas políticos que se envolvem, hoje, recentemente, hoje, assim nos últimos anos, com uma atividade pública tem a ver muito mais com envolvimento a partir de redes sociais do que uma militância partidária. Boa parte dessas pessoas que estão nas redes defendendo posições lado a lado nunca participou de reunião de partidos políticos ou de movimento estudantil. Então... Eu, por exemplo... É engraçado porque eu fiz campanhas. Eu fui estudar sistemas eleitorais mas, durante os anos 1980, eu fiz várias campanhas de deputado estadual, federal, vereador, de amigos, militava, viajava para o interior do Rio, trabalhei um tempo com o Carlos Minc, deputado estadual, ao longo desse período, então eu tinha uma militância. Isso me ajudou a conhecer a política por dentro. Aprendi a entrar um pouco na sintonia de conversa com os políticos. Mas sinto que hoje a militância das redes sociais, ela é mais vocalização de opinião do que o envolvimento com partido. Eu acho que se a gente tivesse mais cientista político envolvido com a vida partidária, por exemplo, sei lá, escrevendo nos jornais porque é secretário-geral de um partido, é do diretório, é presidente da fundação, participa... sei lá... Tem alguns. Mas essa não é a... Hoje, o envolvimento é, sobretudo, envolvimento com uma militância...

C. C. – Nas redes sociais.

J. N. – Nas redes.

C. C. – Bom. Você mencionou que foi convidado para ser professor do Iuperj antes de acabar o doutorado.

J. N. – É.

C. C. – Como é que era?

J. N. – Eu não sei. Assim, eu tinha sido... Eu acredito que a história do livro, e também... Aconteceram duas coisas: primeiro é o livro; e segundo, que o meu orientador Olavo estava saindo do Iuperj, então era uma área que ele tinha... digamos assim, que ele cobria que ficou descoberta, que ficaria descoberta, quando ele saiu. Até o Iuperj, no primeiro momento da saída dele, contratou o Marcos Figueiredo. Que foi meu professor também. Eu me esqueci de falar do Marcos. Já no doutorado. Ele entrou em 1991/92, por ali. Mas havia ainda espaço. O Olavo continuou mantendo... Eu ele foi ser professor titular da UFMG, mas mantinha vínculos, de orientação, de cursos, com o Iuperj. E ele estava em processo de afastamento definitivo, então abria uma área que o Iuperj queria reforçar. Eu acho que a história do livro e eu acho que no doutorado eu fui um aluno melhor do que tinha sido no mestrado, assim, mais dedicado, com notas melhores, talvez eu tivesse...

C. C. – Quem era o diretor? Era o Renato Boschi?

J. N. – Era o Renato Boschi.

C. C. – Foi ele que te convidou?

J. N. – Ele me chamou, ele disse que o Iuperj tinha feito um encontro desses de avaliação, de organização para o futuro, e por razões, enfim, de investir nessa área, que gostaria de me integrar... que eu fosse integrado como professor; mas, para isso, eu tinha que acabar a tese. De novo. Tinha que acabar a tese até o momento que eu começaria a ensinar, que era março de...

C. C. – 1995.

J. N. – 1995. Isso foi mais ou menos em julho de 1994 que ele me comunicou. Eu tinha uma bolsa... Não. E me ofereceu uma bolsa de pesquisa. E aí eu abri mão de tudo. Eu larguei todos os meus... aulas, sei lá, em uma porção de lugares – UFRJ, Uerj – esses bicos que eu fazia para ganhar a vida. Ele me deu uma bolsa, e eu resolvi apostar

nessa... Então eu comecei a fazer a tese. Não tinha nem uma linha escrita. Comecei a fazer a tese, de julho até março, e consegui acabar. E defendi a tese em março; dia 15, sei lá, defendi a tese, no dia 17 comecei a dar aula. Foi assim uma diferença...

C. C. – Mas era uma grande oportunidade. Você tinha 30 anos cravados.

J. N. – Tinha 30 anos. Eu tinha... A minha ambição era... Até tinha uma possibilidade de ser professor na Uerj. Se abria, se abriu um concurso, que eu ia fazer, no segundo semestre de 1994, e não fiz, perdi o concurso para apostar nisso. Era um bom trabalho, era melhor emprego. Eu não tinha nenhuma ambição de trabalhar no Iuperj. Minha ambição era fazer um concurso e trabalhar numa universidade em que eu tivesse uma renda maior. Mas não pensava em fazer uma carreira no Iuperj, assim, uma instituição tão importante. Mas aconteceu. Então eu comecei... Assim, praticamente, então, desde que eu comecei o mestrado, eu não sai mais do Iuperj. Comecei a minha vida como pesquisador e professor em março, no mesmo mês que eu fiz a minha tese.

C. C. – E ficou quinze anos como professor.

J. N. – Fiquei quinze anos.

C. C. – Orientou uns cinquenta mestrados e doutorados.

J. N. – É. Foram muitos. Aí a vida no Iuperj foi total. Em todos os semestres praticamente eu dei cursos, eu orientei muitos. Repeti um pouco o modelo, no começo, do Olavo de recrutar jovens para fazer pesquisa, ajudar jovens a fazer suas dissertações e teses, e fui tentando consolidar uma agenda de pesquisa minha; e, claro, depois me envolvi em atividades administrativas do Iuperj, que é terrível porque é uma instituição pequenininha, mas, não tem como fugir, tem rodízio, então você tem que ser chefe, coordenador de área... tinha – coordenador de área, diretor... Eu acho que fui diretor de tudo.

C. C. – Publicações.

J. N. – Diretor de publicações, fui diretor de ensino e depois executivo. Foi toda a hierarquia], todos os cargos eu tive que ocupar. E não tem muita alternativa.

C. C. – Mas você também coordenou uns três anos, porque teve um curso de... na Câmara dos Deputados, de formação. Era um mestrado...

J. N. – Foi. Mestrado e doutorado. É. Coordenei esse programa. Que a gente chama de Dinter, Minter, que é um programa interinstitucional de convênio do Iuperj com a Câmara dos Deputados. E nós formamos quinze... dez doutores e quinze mestres, por aí, acho que, se não me engano. Também coordenei um programa interdisciplinar com... um programa de formação de professores em sociologia política, em Campos. Então...

C. C. – Em Belém também, com o Pará.

J. N. – Em Belém foi muito... me envolvi muito. Não cheguei a coordenar Belém. Mas fui muito, dei muitas aulas, participei de todas as seleções de alunos lá de mestrado e doutorado, orientei muitos alunos lá. Então, se foi uma... Acabou que eu... Isso me tomou muito tempo, mas foi uma experiência e tanto. De coordenar e fazer um programa, assim, desenhar um programa, digamos, as disciplinas, cobrar os professores, enfim, organizar tudo, e depois, anos depois, ver todos os alunos formados, é uma experiência e tanto.

C. C. – Nesse período, eu não sei precisar, começou a crise do Iuperj, de financiamento. A Cândido não tinha mais tanto dinheiro, começou a atrasar salário. Começou a ficar complicado. Foi já no teu início, ou foi mais à frente?

J. N. – Foi a partir do final dos anos 1990. Quer dizer, a crise, ela começou lentamente. Assim: uns dias de salário atrasado, depois, a metade do décimo terceiro, depois, a segunda passa um pouquinho para depois, depois desaparece... Enfim... Aí depois paga com muito atraso... Enfim, são essas pequenas... A crise não se impõe de uma maneira imediata. Ela foi se agravando: o número de meses sem que nós recebêssemos o salário foi aumentando... Nós sabíamos que o fundo de garantia não era depositado, então, às vezes, um professor saía e brigava na Justiça para pegar o fundo... A crise, ela se alastrou por uma década, vamos dizer assim, com alguns momentos piores. Teve um ciclo em que nós ficamos uns dois meses sem receber salário, e houve uma mobilização da sociedade do Rio, do Brasil, “o Iuperj não pode morrer”... Eu lembro, vários colegas foram lá na... acho que na gestão, ainda, do Fabiano. Foi um momento de crise grave. E fomos... Ficamos assim, enfim, com salários atrasados, sem receber férias, sumia o décimo terceiro... Mas fomos vivendo, porque as condições eram ótimas. O Iuperj era um lugar que facilitava muito algumas consultorias, dávamos aula...

C. C. – As pessoas quebravam o galho fazendo coisas paralelas.

J. N. – Quebravam um galho. E nós conseguimos criar uma espécie de fundo de recursos, de *overhead* de pesquisa, e esse fundo era usado para apoio aos professores. Então, digamos, eu estou sem o salário, eu pego emprestado, depois, quando recebo, devolvo. E esse foi um mecanismo que funcionou, que nos apoiou, assim, para as pessoas não entrarem em colapso pessoal completo. Então, isso foi a nossa realidade talvez por uma década.

C. C. – Uma coisa. Porque eu acompanhei, também, esse processo nunca tendo sido do Iuperj, à distância. Mas eu me lembro de uma certa surpresa. Porque o Iuperj parecia alguma coisa autônoma. De repente não é. É Ucam, é a [Universidade] Cândido Mendes. Inclusive não se botava Ucam, se botava Iuperj só. Ucam era uma universidade maior, já decadente em várias... com problemas financeiros. Várias pessoas que eram do Iuperj foram para a Ucam. Tinha lá centros e coisas e tal, uma relação. E tinha a figura do Cândido Mendes, que é muito importante: criou o Iuperj. Como era essa relação do Iuperj com a Ucam? Parecia que uma coisa era a elite, mas a gente se distanciava de alguma forma do que era de fato a mantenedora, vamos dizer, em última instância.

J. N. – É. A Ucam... Quer dizer, ela não existia. O Iuperj... Existia a Faculdade Cândido Mendes. Tinha um curso tradicional na cidade, no Centro, em Ipanema, duas unidades fortes.

C. C. – Direito. Era muito forte.

J. N. – Direito. Basicamente direito. Tinha muitos cursos; mas, basicamente, direito. A Ucam, assim, a minha interpretação –, eu não vi nenhum estudo sério sobre isso –, é que a crise começa no momento em que o governo Fernando Henrique abre o sistema universitário, que estava muito fechado, para emergência de novas universidades. Então, por exemplo, a Estácio, no Rio, começou a crescer em termos de recrutamento de alunos, outras menores começaram a criar cursos de direito, então a Universidade, que tinha um excelente curso de direito, isso dava a ela recursos para manter, se dar ao luxo de ter uma instituição isolada, porque o Iuperj era um instituto isolado, mantido pelo Cândido Mendes... O Iuperj, claro, conseguia uma parte dos seus recursos com *overhead* de pesquisa, com convênios, mas, basicamente, o Iuperj era um instituto que tinha muito pouca intervenção. Acadêmica nunca teve, do Cândido Mendes, ou pelo menos, o tempo que eu passei lá, muito pouca. O Cândido Mendes

gostava do Iuperj, assim tinha uma relação ambígua, mas gostava de ter um centro de excelência. Ele, afinal, é um sociólogo, é um humanista, gostava de ter o que ele chamava de jóia da coroa. E a Universidade, quando veio esse processo de democratização, os centros isolados viram universidade, porque se deu a oportunidade para institutos isolados que tivessem uma pós, dois programas de excelência, e o Iuperj dava esse status, criarem uma universidade. Então, o Iuperj viabilizou a Ucam, digamos assim, formalmente. Porque antes, para você fazer uma universidade, você tinha que ter uma faculdade de medicina... uma de cada área, digamos assim, então era difícil ter uma universidade. Você tinha centros universitários. Então a Cândido Mendes era um centro universitário Cândido Mendes. Não tinha esse status. Quando a Ucam é criada, nesse processo, ela vira universidade, mas tem que concorrer com essas outras universidades que ofereciam cursos de direito muito mais barato. Há, claro, uma gestão familiar da universidade que começa a entrar em colapso, enfim, há uma série de...

C. C. – Começou a faltar dinheiro para a jóia da coroa.

J. N. – Faltou. Começou a faltar dinheiro. Essa é minha interpretação. Pode ter alguma coisa gerencial que eu não conheço.

C. C. – Eu me lembro que eu fui assistir a posse... do José Maurício, se eu não me engano.

J. N. – José Maurício. Antes da minha.

C. C. – Como diretor executivo.

J. N. – É.

C. C. – E o Cândido estava lá. Acho que eu nunca tinha visto o Cândido ao vivo. Ele estava quieto, sentado na ponta da mesa, e o José Maurício falando já da crise, de tentar formas de conseguir dinheiro, “a gente vai bater à porta de empresas, vai fazer convênios” e não sei o quê. E o Cândido, imutável, do lado dele. Quando terminou, o Cândido pegou a palavra e fez, na minha percepção, uma crítica avassaladora ao Iuperj, assim: “Nos anos 1970 isso era relevante. Aqui, tem alguém estudando este tema?, aquele tema?” não sei o quê... Eu fiquei surpreso. Estava do lado de um amigo, falei: “Poxa. Ele pegou pesado”. Ele falou: “Não. Hoje, ele estava até moderado”. Quer dizer, tinha essa relação, de ter criado uma coisa que ele se desencantou, também, ou não?

J. N. – É. Eu convivi muito com o Cândido Mendes na... Porque eu fui diretor, dos últimos três diretores... dois diretores: Fabiano, depois o Maurício, José Maurício, depois eu próprio. Então eu convivi muito com o Cândido.

C. C. – Você foi diretor já em maio de 2009.

J. N. – Isso. O Cândido, ele começou a ter uma relação um pouco mais ambígua. Ambígua no sentido de gostar, considerar o Iuperj a joia da coroa, mas, na crise, ele queria que o Iuperj pagasse a conta, digamos assim, de certa maneira. Então, ele queria que nós déssemos aula para a graduação, ideia que foi rechaçada pelos meus colegas...

C. C. – Na Cândido, ou criasse uma no Iuperj?

J. N. – A ideia era para criar uma graduação de ciência política e sociologia na Cândido. Um projeto que ele e alguns dirigentes da universidade naquele momento nos convocaram a participar. Essa ideia não prosperou, não foi aprovada.

C. C. – Por quê? Vocês não aceitavam, ou achavam que isso ia?...

J. N. – Olha. Os professores do Iuperj não quiseram assim, basicamente porque não queria dar aula na graduação. O Iuperj tinha trazido alguns professores da universidade pública, que diziam: “Eu não vim para cá para dar aula na graduação. Eu vim para cá porque aqui é um centro de excelência”. Os professores mais velhos, também, tinham pavor da ideia de voltar, depois de vinte, vinte e cinco anos dando aula para a pós, para enfrentar turmas de graduação da Cândido Mendes, ainda que fosse num modelo de ter um assistente de pesquisa, coisa que o valha, para... Isso não passou. E o Cândido, aos poucos, foi começando a ter uma relação... enfim, que o lado negativo, a avaliação negativa começou a crescer. Então ele criticava a agenda de pesquisas...

C. C. – Eu me lembro que, no discurso, ele falou que vocês estavam “convocados a um serviço militar” pela Cândido Mendes.

J. N. – É isso. É isso.

C. C. – E que vocês teriam um tributo a pagar, que era um serviço militar. Eu me lembrei da frase dele, que me...

S. P. – Que seria dar aula na graduação.

C. C. – Seria dar aula na graduação.

J. N. – Dar aula na graduação e ajudar a gerar nosso salário.

C. C. – Exatamente. E gerar recursos.

J. N. – Eu era a favor. Eu era a favor. Mas fui voto vencido. Até participei de uma comissão para desenhar um programa de graduação, que naquele momento talvez coubesse. A FGV não tinha aberto os cursos aqui ainda. Isso foi lá na... Com a marca do Iuperj. Talvez, um curso... Não tinha vindo a onda de RI ainda. Talvez, aquele momento, um curso com um diálogo, um pouco com política pública, com consultoria, que foi o desenho que foi pensado, fosse uma forma de gerar recursos que nos ajudasse a sobreviver. Mas os colegas não aceitaram. E o Cândido, não por isso só, ele começou a ter uma relação... por isso, com os temas que nós estudávamos. Porque o Iuperj foi ficando mais amplos em termos temáticos também. O perfil dos professores foi mudando, o Iuperj foi se tornando mais parecido com os departamentos das universidades públicas, em termos gerais assim, de ter professores, professores...

C. C. – Mas vários foram saindo também. Quer dizer, arrumando suas alternativas. Isso também foi mudando...

J. N. – Foi. Muitos. Muitos. Mas havia uma renovação. Saía um professor, no caso que eu narrei do Olavo, tentavam trazer um novo. Mas depois que eu... Por exemplo, entrou comigo o Fabiano. Nós entramos juntos no Iuperj. Fabiano já dava aula na UFF, saiu para ser professor do Iuperj. Mas, depois que nós entramos, basicamente... Entraram outros colegas, que passaram por lá. O Otávio passou um tempo, Otávio Amorim, e foi embora, o José Einsenberg, é um pouco mais novo do que nós, passou, e foi embora. Mas...

C. C. – O Jessé.

J. N. – O Jessé, na sociologia, também. Quer dizer, tiveram várias contratações depois que eu entrei. Até sair. Mas a instituição foi envelhecendo, quer dizer, basicamente assim, não tinha... Quando nós nos transferimos para a Uerj naquele momento, basicamente... eu e Fabiano ainda éramos os mais jovens entre os professores. Parou de ter renovação porque os mais velhos não saíam da instituição e a Cândido, em crise, não abria espaço para a gente contratar novo professor, então a gente foi ficando um pouco estrangulado; com um corpo docente pequeno, esse processo de expansão de alunos, e ao mesmo tempo, a crise econômica apertando, salários atrasados... Enfim, uma certa insegurança por conta desse quadro. O que é que vai

acontecer? O Cândido nos pressionando e tendo esses... esses ataques assim. Eu vou chamar ataque. Não é um bom termo, mas... Essas situações, nos quais ele agredia o Iuperj. Desprezando um pouco a pesquisa, criticando alguns professores, dizendo que eles não eram tão produtivos como tinham sido no passado... Coisas assim, que ele falava, que eram desagradáveis, mas... enfim, é uma aversão que ele começou a assumir.

C. C. – E a opção, que acabou vamos dizer vingando, de migrar para a Uerj e virar o Iesp ? Bom. Você estava na transição. Você foi o último diretor do antigo Iuperj, foi para o Iesp. Com é que surgiu essa alternativa e como é que foi o desembarque, a chegada na Uerj?

J. N. – Olha. Na realidade, quando eu entrei, eu tinha uma ótima relação com o Cândido. Por alguma razão, ele gostava de mim, de conversar comigo, pedia para eu resenhar os livros dele... talvez por razões de... tema de reforma política, alguns políticos falavam de mim para ele... Esse negócio. Eu não lembro bem a história. Mas a gente tinha uma relação boa. Coisa que ele não tinha com Maurício. Ele teve uma... A gente, na direção do Maurício, foi uma relação muito agastada, de crise. Quando eu assumi, parecia que a gente ia entrar num momento de, pelo menos, de uma certa relação menos conflituosa com a universidade, com o Cândido Mendes, ou com a Praça XV, como a gente gostava de dizer, onde ficava o prédio da reitoria. Mas... Até aconteceu que no primeiro semestre, as coisas estavam administráveis, essa crise salarial de um, dois meses, que a gente foi aprendendo a viver –, você vai... você recebe um recurso extra, põe na tua conta, e vai aprendendo a lidar, por incrível que pareça, você aprende a lidar com salários atrasados e essa situação inconstante de recebimentos. O Cândido, eu já era diretor quando ele me convidou, a mim e a Argelina, em novembro ou dezembro, para uma conversa lá na reitoria. A Argelina era a minha vice. Eu era diretor, ela era vice-diretora. Nós fomos, e ele foi muito duro, rude, falou: “Olha. Quero dizer para vocês que acabou. A partir de agora vocês não recebem mais um salário. A Universidade está em crise, e vocês não participam...” E aí, de novo: “Professor. Nós queremos. O que nós podemos fazer?” Havia uma ideia assim, um pouco ingênua, de que nós resolveríamos o problema, ajudaríamos a resolver o problema nos deslocando para dar aula nas turmas de direito. Bobagem. Porque são... Sei lá. A Universidade tinha dez... seis professores horistas, estão há vinte anos dando aquele curso de introdução à sociologia... Não era por aí. Mas havia uma visão, que foi... Enfim. O Iuperj era caro para ele, a crise da Universidade foi se agravando, e ele disse: “Olha. Não vou pagar

mais o salário de vocês”. E isso... “Está bem, professor. Olha lá...” A nossa reação foi: “Várias pessoas dependem disso. O senhor não pode fazer isso. Vai perder professores...” E por aí... A conversa, aquele recado foi dado. E podia ser mais uma bravata do Cândido, mais uma ameaça, sei lá. O fato é que ele cumpriu. E nós começamos. Não recebe o salário de dezembro nem de janeiro, fevereiro, março... E ele ultrapassou a barreira dos dois, três meses que a gente ficava. E a situação começou a piorar. Quer dizer, a ideia do fundo que nós tínhamos criado, de anos de empresta e volta o salário, começou praticamente a acabar, e a gente não tinha... E nesse momento apareceu uma ideia de transformar o Iuperj em uma OS, uma organização social. E eu saí, ao longo dos primeiros meses de 2010, viajando pelo Brasil, pelo Rio, atrás de apoio. O Iuperj tinha contatos com o governo federal, o governo Lula, eu fui conversar com Haddad, o ministro, então ministro da Educação do governo Lula. Eu me lembro que a gente ficou lá meia hora, uma hora, conversando, no gabinete dele, eu e ele, e ele querendo ajudar, mas não havia uma saída institucional completa. Ele disse até, se vocês quiserem, a gente pode abrir vaga numa universidade pública para um departamento – apareceu até a ideia da UniRio, que não tinha departamento de ciência política –, quem sabe, que é uma universidade que não tem ciência política, a gente não faz... Não quer dizer que vocês vão passar, mas é opção. Tentamos. Negociamos um tempão com o Ministério da Ciência e Tecnologia. Naquele momento, eu acho que o ministro era o Sérgio Andrade...

C. C. – Sérgio Rezende? Pernambucano.

J. N. – Sérgio Rezende. Pernambucano. A ideia de fazer uma OS ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Essa ideia prosperou, mas bateu... Quer dizer, ele teve uma acolhida no Ministério, o governo queria fazer, transformar o Iuperj numa OS, que seria uma grande solução, mas havia dois problemas: primeiro, que o Cândido não aceitou. Ele não aceitava a opção OS porque ele perderia o Iuperj. A OS, a instituição fica... tem autonomia em relação a ele, então ele entregaria o Iuperj para, digamos assim, o aparato do governo federal, uma outra estrutura jurídica. Ele não queria. Não aceitou isso. Depois, também havia um veto porque, quando o PT estava na oposição, o PT entrou com uma ADIn, uma Ação Direta de Inconstitucionalidade contra as OS, e isso não tinha sido votado ainda. Quando ele estava no governo, quer dizer, não... queria criar algumas OS, mas havia essa... Eu acho que foi até o Toffoli que foi o advogado responsável pela Ação Direta de Inconstitucionalidade. Posso estar errado. Mas, esse era

um problema. Então, o governo não criou, não conseguia criar uma OS porque tinha esse impedimento jurídico, e o Cândido atrapalhou. Eu me lembro que eu fui conversar com Gilberto Carvalho na Casa Civil da Presidência, ele quis ajudar, ajudou um pouco com um empréstimo no Banco do Brasil; conversei com Marco Aurélio Garcia também, que gostava do Iuperj, tinha contatos, queria ajudar. Quer dizer, muita gente querendo ajudar. Mas a gente não tinha uma solução institucional. Fui à Prefeitura, conversei com Eduardo Paes, com Pedro Paulo, que era secretário da Casa Civil, aqui no Rio, com o secretário da Ciência e Tecnologia Alexandre Cardoso, todo mundo querendo ajudar, mas não havia uma solução institucional. Como é que nós vamos pegar uma instituição privada e vamos levar para uma instituição pública? Não existe isso. Não pode levar funcionário, professor sem concurso, aluno. Como é que faz? Não havia solução. E o tempo estava... Os salários não caíam, a gente começou mais uma vez a fazer um movimento junto à opinião pública a respeito do fim do Iuperj, a crise, uma busca de solução que não fosse cada um buscar sua solução individual. E aí, um acaso completo, porque o reitor da Uerj era meu amigo de Friburgo, de militância estudantil, foi candidato a vereador do meu grupo em Friburgo...

C. C. – Quem era?

J. N. – Ricardo Vieirals. É um pouco mais velho que eu, mas o Ricardo é um amigo de geração, um colega. Eu fui até ele, falei: “Ricardo, você não quer... Quer dizer, me ajuda aqui. O que é possível fazer?” Ele aí, uma pessoa com muitos contatos políticos, falou: “Deixa eu falar com o Cabral”.

C. C. – Que era governador. Sérgio Cabral.

J. N. – Governador Sérgio Cabral. Eu me lembro que ia ter uma reunião dessas de avaliação da crise institucional, e eu não tinha nada. Eu tinha feito assim vinte... um mês de delegação para essas embaixadas, e não conseguia nada, nenhuma solução. E faltavam dez minutos para a reunião. Uma coisa que eu conto só porque é prosaica. E o Ricardo estava viajando. E eu liguei para ele, ele estava dentro do avião, falei: “Ricardo. Tem alguma novidade aí? Você conseguiu falar com o Cabral?” Ele falou: “Acabei de falar com o Cabral. E ele topou. Ele quer levar o Iuperj para a Uerj”. Eu falei: Gente, não é possível. Eu vou... Não é possível isso. Aí: “Eu não posso falar mais. Eu acabei de falar com ele e...” E pronto. A partir daí, eu cheguei na reunião, eu tinha uma coisa para oferecer. Falei: “Gente. Acabei de falar com o reitor. E o Cabral, o governador tem

interesse em levar o Iuperj para a Uerj. Ele gosta do Iuperj...” Eu conhecia, coincidentemente, também o governador Sérgio Cabral porque, quando ele era presidente da Assembleia, ele fez, já tinha feito um acordo, um convênio com o CPDOC de memória do Rio...

C. C. – É. De memória do Rio. Fazer um arquivo.

J. N. - E ele queria fazer alguma coisa sobre pesquisa eleitoral, dados, uma espécie de... um convênio com o Iuperj. E ele me convidou. Leu alguma coisa, alguma no jornal... Não lembro mais. Ele me convidou, a gente teve uma conversa longa lá no gabinete dele. E ele me conhecia também, e conhecia o Werneck de militância política, conhecia outros professores. Ele gostava do Iuperj, o governador. Então, essas duas coincidências. A partir daí o... Eu tenho até hoje os e-mails que eu troquei com o Sérgio Cabral e com os secretários do governo do estado, em que ele vai dando... digamos assim, ele vai delegando: ao secretário de Planejamento Sérgio Rui: “Por favor. Cuide de toda a parte... recursos para a Uerj para bancar o Iuperj”; o secretário de Ciência e Tecnologia e o presidente da Faperj, que era...

C. C. – Era o doutor Ruy já?

J. N. – Rui. Era o Ruy. Que é o atual reitor da Uerj. E o Rui se envolveu para conseguir as bolsas para os professores provisoriamente. Foi uma operação que levou algumas semanas, meses, para ser desenhada. E, claro, um componente desagradável dessa operação, que causou muitos problemas depois, é que ela teve que ser feita em segredo dos colegas da Uerj.

C. C. – Os colegas de ciências sociais.

J. N. – Ciências sociais. Segredo... uma conversa, em que o Ricardo, o reitor, ficou de lidar com essa ponta. Quer dizer, levar um pacote de vinte professores para um programa que já tinha... de sociologia política, já tinha uma pós, não ia ser uma tarefa simples. A avaliação do Ricardo na época é que se ele abrisse essa conversa de maneira mais ampla haveria vetos, vetos institucionais, e o projeto não seria cumprido a termo, para o tempo que a gente precisava. E do nosso lado, a gente tinha que fazer também isso em segredo do Cândido. Porque o Cândido não... Você não pode ter um funcionário formalmente negociando em bloco a saída de uma instituição. Porque o Cândido também impediria que isso fosse à frente. Com sua capacidade de pressão, ele poderia... provavelmente, ele teria intervindo (essa era nossa avaliação na época) junto ao Cabral,

junto do governo federal, para impedir esse movimento. Então a operação teve esse caráter de urgência dramática, digamos assim, em que a operação uma hora tinha que ser feita. E um dia nós marcamos. Os colegas mais velhos da Iuperj, os fundadores, os professores que estavam lá há muito tempo estavam muito inseguros com esse movimento, mas sabiam, também, que não havia solução para nós dentro da Cândido Mendes, porque os salários já seis meses [atrasados], e sem férias, sem dinheiro, os funcionários sem receber, outras unidades sem receberem também... Então, a crise tinha se alastrado, a gente não teria alternativa, o Iuperj, provavelmente o segundo semestre de 2010, viveria um momento de fugas individuais. Eu era um que ia embora. Eu estava no trabalho, e eu não ia continuar naquela incerteza. Bom. Marcamos. E fizemos a transição. Um evento lá no Palácio Guanabara. Convocamos... Foi tudo feito – é incrível – sem que o Cândido... O Cândido soube no dia. Porque a *Folha de São Paulo* soube do processo e deu uma matéria de manhã, e o Cândido Mendes, ao longo do dia, ficou achando que era blefe nosso, que não é possível que aquilo ia acontecer, e à noite nós fizemos um ato em que... À tarde, nós entregamos as vinte carteiras de trabalho, nos desligamos, junto com o advogado, e à noite criamos uma nova instituição, que seria abrigada na Uerj. Claro que isso foi uma... Quando o Cândido soube de toda história ele ficou muito revoltado, mas já não havia nenhum diálogo. Ele não [nos] recebia mais, não pagava nosso salário, a relação comigo tinha se desgastado, não tinha mais liga, não tinha mais contato, e, a partir daí, a gente viveu meses de enorme insegurança. Por exemplo, eu que era diretor recebi uma... como é que chama isso? – demissão... justa causa: abandono de emprego. Eu só, e a Argelina. Os outros professores não. Recebi uma notificação extrajudicial por ter roubado a marca. Porque no começo a gente queria usar o nome, alguém que teve essa ideia de usar, o Iuperj da Uerj. Mas por quê? Iuperj não está registrado. Não é marca. Você pode ter... sei lá, Instituto de Estudos Avançados da Uerj. E a gente sabia que a marca seria uma coisa importante naquele momento. Como lá no ato alguém botou uma faixa – Iupperj – com dois p, alguém do governo do estado, saiu no jornal aquela foto, e ele me notificou extrajudicialmente por uso indevido da marca, alguma coisa assim. Processo. E aí, esses meses subsequentes foram de enorme instabilidade, porque as bolsas... A Uerj fez uma engenharia incrível, graças ao Ricardo, com apoio lá do governo do Cabral, de colocar vinte bolsas de pesquisador visitante, assim, numa leva. E olha que você sabe, a gente sabe que pesquisador visitante é um processo lento, tem que submeter. Com uma canetada, foram vinte bolsas. Depois a gente fez um movimento de transferência de alunos. Um edital público

de transferência – “Quem quiser vir estudar na Uerj... – uma coisa mais ou menos assim – juridicamente consistente – ...se transfira”. Aí duzentos alunos do Iuperj na época se transferiram para a Uerj.

S. P. – Duzentos?

J. N. – Eram duzentos. Com os alunos que nós tínhamos na pós-graduação em Brasília, que também se transferiram, em torno de duzentos. Mestrado, doutorado, sociologia e política. Eu me lembro desse número. Então nós transferimos duzentos alunos, vinte professores, e depois, faltava os funcionários. E aí, mais uma... vamos dizer assim, uma solução engenhosa. Foi criar bolsas de técnicos, vinte técnicos, para acolher os bibliotecários, o pessoal da administração. Então o pacote ficou completo. Até o fim do ano nós tínhamos feito toda a transição: funcionários, na virada do ano de 2010 para 2011 conseguimos transferir as bolsas para os funcionários – claro, não eram salários idênticos aos que ninguém recebia no Iuperj, nossos salários eram bons, as bolsas eram boas, mas eram inferiores – mas...

C. C. – Recebia.

J. N. – Recebíamos uma bolsa e podíamos pagar as contas. E, claro, tinha ali muita gente bolsista do CNPq, algumas pessoas davam consultorias, palestras, estavam envolvidas em projetos que conseguiam compensar uma parte da perda da renda.

C. C. – E não tinha alternativa também, na época, para você. Você não via uma alternativa.

J. N. – Individual?

C. C. – Não. Para o antigo Iuperj, que não fosse ir para a Uerj.

J. N. – Não, não tinha. Não tinha. Inclusive, eu acho que essa é uma... Essa transição só foi feita porque era para a Uerj. A Uerj é uma instituição que havia espaços institucionais e jurídicos que permitiam uma transição dessa magnitude. Porque você...

C. C. – E, também, tinha um reitor e um governador...

J. N. – Tinha um reitor e um [governador] alinhados.

C. C. – Alinhados com...

J. N. – É. Justamente. De todas as portas que nós batemos, muitas pessoas, digamos assim, gentis, querendo apoiar, acolher e não querer que o Iuperj acabasse, reconhecendo a importância da instituição como formadora e como centro, também, de reflexão sobre a política e sociologia do país, mas não tinha como ajudar. Que foi a conversa com o ministro da Educação, o Haddad. “Não tem formato. Como é que a gente faz? Se vocês quiserem ir...” Mas havia entre nós uma sensação que era preciso fazer uma transição coletiva. Ainda que fosse quase impossível, a gente tinha um vínculo pessoal com os funcionários, que também estavam sem receber, que também, um certo dia, tinham que entregar as carteiras para virarem bolsistas da Uerj por um tempo. Três, quatro anos, essa bolsa continua sendo renovada, e aos poucos, alguns foram se aposentando, procurando outras coisas, até que esse processo se completou, digamos, de institucionalização completa do Iesp, no que viraria o Iesp. Os professores... Ah. E também, foi outra... digamos assim, outro compromisso que foi cumprido, do reitor, abrir concursos, para que os professores fizessem. Então, muitos fizeram o concurso, e dessa maneira, se criou um corpo docente concursado, não mais bolsista, os professores mais velhos, que não quiseram ou não podiam fazer concurso, continuaram recebendo a bolsa, num modelo combinado, e a transição foi feita. E talvez o grande ativo dessa transição, do ponto de vista simbólico, tenha sido manter a casa. Isso foi uma...

C. C. – A casa na rua da Matriz.

J. N. – A casa da rua da Matriz. Eu acho que o grande símbolo de continuidade entre Iuperj e Iesp é a casa. Isso aí foi uma das brigas que eu comprei, assim, do ponto de vista de disputar a casa com a Cândido Mendes, e tentar uma solução: que a Uerj passasse a pagar um aluguel. E o fato de ser a Companhia de Jesus ajudou, que é a dona do imóvel, para fazer a transição. Porque o Cândido Mendes também não pagava o aluguel para eles, então eles... Não sei se eles continuam sem receber o aluguel. [riso] Porque aí é muito azar. Troca o Cândido pelo governo do estado em crise... [riso] Que locatário! Mas isso a gente brigou. A biblioteca, não tinha como brigar juridicamente.

C. C. – Nem o nome Iuperj.

J. N. – É. Estava o carimbo nos livros: Iuperj, Cândido Mendes. A gente conseguiu uma parte dos livros comprados em projetos manter. É mais fácil você remontar uma biblioteca, com doação, com...

C. C. – O mundo digital também.

J. N. – Coisas digitais e compras em Amazon e que o valha. E a casa ficou. Eu acho que a casa é o patrimônio simbólico da transição. Isso, realmente, eu lembro que a gente realmente negociou e brigou para manter a casa.

S. P. – Mas hoje, as aulas são na casa?

J. N. – Continuam na casa. A casa continua com.

C. C. – Continuam na casa. Pois é. Essa chegada na Uerj não foi uma chegada física, quer dizer, as pessoas não tiveram que ir. Agora teve uma... Você já tinha mencionado. Por ter sido feito em segredo, teve uma reação vamos dizer dos cientistas sociais de lá.

J. N. – Teve. Teve.

C. C. – Isso, antes, quer dizer, ou quando souberam da coisa.

J. N. – Foi.

C. C. – Quando teve concurso, também teve manifesto, essas coisas?

J. N. – É. A reação não foi nada boa. Eu não tiro a razão dos colegas. Mas na perspectiva de quem dirigia o instituto e fazia a transição, eu confiei na avaliação do reitor, do que ele... e do tempo que essa operação... Porque é uma operação que envolvia a demissão nossa, o desligamento de uma instituição para poder ser acolhida na outra. Para evitar esse intervalo foi preciso que isso fosse feito em certo segredo e uma certa rapidez. Pelas razões que eu já disse. De um lado, o Cândido certamente interviria para bloquear esse processo, com razões jurídicas, ações na Justiça, jornal – ele é uma pessoa influente, e a gente sabia disso; e segundo porque havia esse lado da Uerj, porque eles já tinham um programa, e... espera lá, você traz um novo programa para a Uerj, eles não... E sem contar que a gente não ficaria no Maracanã, ficaria na Zona Sul. Enfim, era um privilégio. Por que um tratamento diferenciado?

C. C. – Diferenciado. Isonomia...

J. N. – Eu lembro que a gente fez algumas reuniões, numa tentativa de integrar o Iuperj, passado esse momento inicial, mas os colegas não... estavam muito assim... agressivos, eu até diria assim, nas reuniões com... A ideia era, nos primeiros... sei lá, nos primeiros semestres, ofereciam os piores cursos. Piores é modo de dizer. Mas...

Sociologia para a nutrição. Põe lá, para o pessoal do Iuperj ensinar. Vocês vão ter que pagar o... Enfim, uma coisa... dura. Nas reuniões, a gente era, eu me lembro, hostilizado, éramos agredidos. Mas, não tinha muito o que fazer. A gente... Não sei qual seria... Se a gente pudesse rodar o filme e voltar, uma coisa mais negociada, uma transição negociada com o departamento. Eu não sei se meu feito foi ruim.

C. C. – Você foi o último diretor do antigo Iuperj. Mas você continuou ainda como diretor dessa nova instituição, antes mesmo dessa Iesp?

J. N. – Fiquei.

C. C. – Continuou o mandato? Ou?...

J. N. – Fiquei. Até o fim do meu...

C. C. – Não era mais mandato propriamente dito da Cândido. Você não tinha mais vínculo. Mas, você continuou?

J. N. – Fiquei como...

C. C. – Diretor de fato.

J. N. – Não existia essa figura no Instituto, no Iesp. Porque eu... Até vale a pena registrar isso, porque é prosaico também. Quando a gente teve o nome... não podia usar Iupperj, Iuperj com dois p, que era a ideia inicial, porque o Cândido foi lá... Ele não tinha nem registrado em marcas e patentes. Foi lá, a gente descobriu, na semana, ele foi lá e registrou. [riso] Mas aí não tinha nome o instituto. Aí o reitor viu no regimento da universidade que havia um órgão, criado nos anos 1950 na antiga Universidade da Guanabara, chamado Iespe, que estava no organograma da universidade. Marcílio Marques Moreira foi o criador do Iespe. Um órgão que nunca existiu de fato. Ele falou: “Por que a gente não põe aqui, na estrutura da Uerj, o Iesp?”

C. C. – Passou a existir.

J. N. – E o nome, claro, era o Instituto de Estudos Políticos e Econômicos. A gente, simplesmente, tirou o Econômicos, então ficou Iesp. E a origem do Iesp é prosaica e é essa. O nome foi criado... Ele já existia, e foi ocupado, mais facilmente, então, para negociação interna na Uerj, você estava, digamos assim, estava fazendo existir um órgão que já existia. E, provisoriamente, foi uma solução. E o nome ficou. E

de fato, eu fiquei, nesse momento de transição, até meados... até o fim da minha fase na direção...

C. C. – Gestão.

J. N. – Da minha gestão. Eu até, eu ia abandonar em dezembro, porque achei que já estava completo o meu ciclo, feita a transição em julho, mais alguns meses, mas fiquei mais alguns meses, até que saí.

C. C. – Aí você faz concurso para titular do IFCS, da UFRJ. Quantos meses você ficou na Uerj, quer dizer, depois do fim do antigo Iuperj? Um ano?

J. N. – Fiquei um ano, mais ou menos. Porque aconteceu é que, nesse processo... É difícil explicar para quem está de fora as razões que me levaram, eu tendo feito todo esse esforço, a, depois, abandonar o Iuperj no Iesp. Uma vez, uma arquiteta me contou uma história que eu passei a usar como uma espécie de analogia para esse meu processo. Ela disse que é muito comum que as pessoas façam reformas na casa e depois se separem. Porque a reforma, ela é só um pretexto para tentar mudar a relação com uma instituição... com a... [para] ver se muda: quarto novo, um banheiro, quem sabe? – mas não funciona. Acaba a reforma, se impõe a separação. Não sei se é uma...

S. P. – Foi sua arquiteta ou sua psicóloga?

J. N. – Não. [riso] Foi... Não. Eu não tenho psicóloga. Foi a arquiteta. Coincidentemente, eu usei essa ideia. Ao longo desse processo de transição, eu me desgastei muito, pessoalmente, com os colegas. Problema de confiança com alguns, assim, de... Eles tiveram que confiar muito em mim, porque eu... a delegação... Em certos momentos, também, desconfiar muito de mim, porque eu podia estar conduzindo uma equipe para o buraco. Eu fui muito cobrado, quando as coisas começaram a não acontecer no ritmo que se esperava. Ou seja: “A bolsa está atrasando. A gente ficar um mês sem bolsa”. Ninguém ficou nem um mês sem bolsa, nem um mês sem renda.

C. C. – Mas você era o responsável por...

J. N. – Mas eu era o responsável. E essa rejeição na Uerj começou a pesar sobre mim. Eu comecei, para resumir, a ter uma certa... um desgaste pessoal com os meus colegas, com alguns colegas, e eu comecei a perder o... Quer dizer, eu ajudei a fazer a transição, mas aos poucos eu fui vendo que eu não queria continuar mais naquele lugar; enfim, tinha esgotado o meu ciclo. Um sentimento que eu já tinha no começo da minha

direção, que eu, profissionalmente, talvez estivesse chegando... fechando o meu ciclo no Iuperj. E essas – alguns grandes e outros menores – demonstrações de falta de confiança dos colegas em mim e alguns conflitos em reuniões, eu fui me desencantando. E, feita a transição –, assim: levando os alunos, professores e tal –, depois de alguns episódios assim mais dramáticos, que... enfim, que não vale a pena, não acrescenta nada contar, eu soube que havia uma vaga para um concurso na UFRJ. Resolvi me inscrever. Não sabia se ia fazer, mas pelo menos me inscrevi, defensivamente.

C. C. – Como titular já.

J. N. – De titular. Nos meus colegas do Departamento de Ciência Política, eu, praticamente, era o único que não tinha um outro emprego, uma outra fonte de renda. Curiosamente. Eu era diretor, podia buscar outro emprego, estava responsável por aquilo ali... Mas vários colegas fizeram concurso, por exemplo, no meio da crise. Para dois exemplos. O João Feres, que era da direção, fez concurso para a UniRio, Fabiano fez concurso para a UniRio.

S. P. – Mas saíram?

J. N. – Não. Mas fizeram, e passaram. Não tomaram... João chegou a ensinar na UniRio. O Fabiano não tomou posse. Preferiu protelar. Nesse momento também, uma professora jovem e tal, que também estava para se inscrever no concurso, a Thamy, até era bolsista do Iuperj, mas ela também ia fazer a prova da UniRio. Os outros professores tinham duplo vínculo ou eram aposentados, eu era o único que não tinha nada. E nesse momento ali de crise pessoal e de desgaste com os colegas, eu vi nesse concurso... pelo menos, vou me inscrever e ter isso como um plano eventual. Não sei se vou fazer. A prova demorou a acontecer. Ela aconteceu só em julho. Eu vou ver...

S. P. – Você se inscreveu quando? Foram quantos meses de?...

J. N. – Eu me inscrevi em julho. Não! Desculpe. Em fevereiro. E aí foi o meu drama, porque eu era diretor ainda. Eu não imaginava que uma inscrição... Eu me inscrevi assim: vou me inscrever, como você se inscreve num concurso... para ter aquilo ali na manga, e vou ver, lá em julho, se eu vou fazer ou não. Eu estava para sair por um mês e meio da direção. Até falei para os meus colegas que se eles achassem melhor, por conta dessa minha decisão, que eu abandonasse a direção antes, (que seria em abril, começo de abril) tudo bem. – Não. Mas o que aconteceu foi que eu esqueci como as coisas estão. Redes sociais. Aquilo... Eu me lembro que eu me inscrevi, fiz isso de

maneira privada, não propagandeei, e depois, avisei aos colegas que estava fazendo isso como um plano a ser pensado lá para frente.

C. C. – Plano B.

J. N. – Um plano B. Mas, do jeito que as notícias correm, na tarde do mesmo dia já estava na internet, que eu ia embora, abandonar o barco, que eu... Enfim, foi uma coisa muito... Reações muito agressivas a mim. Mas eu não posso controlar o que as pessoas sentem. Realmente, se eu soubesse da reação, talvez eu não tivesse me inscrito. Eu me inscrevi como você vai fazer um concurso, sei lá, do Banco do Brasil. Você vai lá... Mas só que não, as coisas não são assim. E aquilo circula, um colega conta para o outro, e vai para o Facebook, e por aí vai. E aí eu resolvi fazer realmente. Eu já não estava mais na direção. Acabou que eu saí da direção cumprindo, com a sensação de ter cumprido toda a agenda de transição: casa, transferência dos alunos, bolsas para todo mundo...

C. C. – E concurso.

J. N. – Concursos já estavam marcados. Eu não me inscrevi. Meus colegas se inscreveram e passaram. Eu não escrevi porque eu já estava decidido a ir para a UFRJ, porque achava que eu já tinha dado, o meu ciclo tinha se fechado no Iuperj. Não tem nada a ver com... Naquele momento, os salários eram mais ou menos equivalentes. Na Uerj, eu estava num bom momento, com a bolsa de produtividade. Até...

S. P. – Igual ao de titular da UFRJ?

J. N. – É. Era mais ou menos. É o mesmo salário. Até eu me lembro que Carlos Antônio falou para mim: “Jairo. Que loucura você está fazendo. A UFRJ. O meu salário vai ser maior que o seu!” Porque o Carlão, Carlos Antonio, ele era professor da Uerj e tinha bolsa. Naquele momento era equivalente. Claro, depois, as coisas pioraram para a Uerj, e tiveram alguns reajustes, depois da greve, que melhoraram os salários de titular. Mas, naquele momento, não era o dinheiro. Talvez... E nem era segurança, porque eu poderia fazer o concurso da Uerj, que estava desenhando, praticamente, um inscrito por vaga. Quer dizer, a vaga, concurso...

C. C. – Perfil do professor.

J. N. – Mais ou menos com o perfil. E eu... Às vezes, teve uma competição numa posição ou outra, mas, em geral, foram concursos de um candidato.

C. C. – No IFCS, você conhecia o pessoal de ciência política, ou não? Eles tinham fechado o programa de mestrado. Não teve um programa que foi descredenciado, de ciência política?

J. N. – Foi. Não tinha nada. Eu...

C. C. – Você entrou depois disso.

J. N. – É. Eu entrei, não tinha pós. Continua não tendo.

C. C. – Você entrou para o Departamento de Ciência Política?

J. N. – Entrei para o Departamento de Ciência Política. Eu fiz um movimento que muita gente acha... achava, na época, absurdo do ponto de vista profissional. Eu troquei...

C. C. – A pós pela graduação.

J. N. – É. Eu jogava no Barcelona, vamos dizer assim, fui jogar no futebol russo.
[riso]

S. P. – Mas o Barcelona quebrou.

J. N. – É um pouco isso. Mas antes, no momento da transição, não havia crise na Uerj. Quando nós fomos, não tinha crise financeira no estado nem na Uerj. A Uerj ficou numa posição muito boa de recursos. Não havia essa crise e nem desenho. Não havia essa perspectiva de ter crise. Tanto que houve, só num ano, no último ano do governo Pezão, foram acho que duzentos concursos. Havia muito.

S. P. – Foi do Pezão ou Cabral?

J. N. – Não. Cabral tinha saído, Pezão ficou no... Naquele semestre, o último do Pezão, ele, além de aumentar o salário em trinta por cento dos professores, abriu vaga para duzentos concursos. Foi aí que o Iesp [?] para professor.

C. C. – E depois ele pediu para diminuir trinta por cento.

J. N. – Duzentos concursos. De todas as áreas. Foi aí que o Iesp conseguiu fazer cerca de... acho que hoje são vinte vagas. Nesse momento aí de abertura de vagas, no momento que havia dinheiro, havia expansão, ou pelo menos ilusão de que havia dinheiro. Depois a gente aprendeu.

C. C. – Como é que foi na... Já na UFRJ, você passa a ter uma rotina de não ter a pós, curso de pós, orientando de mestrado e doutorado. O que é que mudou na tua, vamos dizer, vida de intelectual, de professor?

J. N. – Eu fiz um ajuste assim completo, porque a minha vida era uma vida, vamos dizer assim, de luxo intelectual: eu tinha uma sala sozinho, eu dava os cursos que eu queria, tinha poucos alunos, os orientandos...

C. C. – No Iuperj.

J. N. – No Iuperj. Tinha liberdade muito grande de... enfim, viajar, de ter eventualmente consultorias, que não eram muitas, mas tinha pelo menos essa possibilidade. E na UFRJ, é uma universidade, uma coisa mais fechada em termos gerais, e eu fui para um departamento... Quando eu disse a brincadeira da Rússia, não é porque... não é jogar longe, é porque não tem uma... não tinha pós, então, basicamente, o que eu tenho feito e passei a fazer lá é dar dois cursos por semestre para a graduação. Eu me ajustei do ponto de vista mental, para não me frustrar nem me sentir alguém... Enfim. Eu valorizo o ensino na graduação. Eu tenho ótimos alunos. Claro, eu me frustro também com o comportamento dos alunos, com o desinteresse, mas isso aí é mais ou menos geral. Fiz esse ajuste e tentei manter a minha carreira...

C. C. – De pesquisador.

J. N. – De pesquisador. Porque eu continuo sendo. Sou, há vinte anos, pesquisador do CNPq desde 1997. Vinte e um. Manter a minha agenda de pesquisa individual. E dentro do possível, continuar circulando, com as redes que eu criei, indo a concursos, participando de bancas, dando palestras, sei lá, escrevendo. Nesse período, a Uerj...

C. C. – Você tem também blog, Tweeter. Você tem presença nas mídias.

J. N. – É. Recentemente. Tweeter, é uma conversão de meses. Eu tinha Tweeter, e fiquei, em segredo, acompanhando pessoas que eu admirava. Anos ali. Gostava de acompanhar intelectuais, pesquisadores, cientistas que eu gosto, mas nunca postava nada. E agora, ultimamente, eu comecei a me animar, posto um link com trabalho, eventualmente um comentário, um gráfico, uma tabela, eu gosto de fazer gráficos e compartilhar, e acompanhar um pouco a interação do debate. Não entro, evito um pouco temas de preferência política, salvo casos muito extremos. Enfim, também, pela mesma razão, eu acho que se eu entrar... Eu gosto muito de uma polêmica, de um confronto, de

um debate. Eu sei. Eu me conheço. Se eu entrar no Tweeter... Minha passagem no Facebook de meses foi muito assim, muito sanguínea: eu já estava brigando sobre música, política... [riso] e aceitava todo mundo para... como amigo. Era uma loucura. Eu falei... Aquilo estava tomando...

C. C. – E você deletou teu Facebook.

J. N. – Deletei. Então, eu só tenho o Tweeter. E é uma coisa assim, eu faço mais o estilo profissional, compartilhar livros, às vezes, um artigo que eu gosto, o comentário de um colega. É uma coisa mais leve. Mas está bem. E um blog. Não é bem blog. Eu juntei uma página, recentemente, há alguns meses, coisas que eu fui fazendo, e, de vez em quando, eu escrevo com mais liberdade. Enfim, é uma forma de deixar o meu trabalho um pouco em evidência. Esse negócio do Tweeter me ajuda porque essa solidão, de ter me afastado das redes, assim, da pós, eu comecei a encontrar as pessoas, elas todas: “Mas você está sumido”. Eu: “Como sumido? Eu vou a bancas, escrevo”. Mas, estar sumido significa que você não está nas redes, então ninguém sabe que você existe. Não entrei no Tweeter por isso. Mas tem um pouco essa função.

C. C. – Você falou da participação política. Um grande segmento, quantidade de pessoas que não participa vida partidária como antigamente se fazia, mas das mídias. No terreno intelectual acadêmico, isso também aconteceu. Quer dizer, as pessoas te veem muito postando coisas lá, você está presente, mais do que o encontro físico.

J. N. – É. Um pouco isso. É. Tem essa sensação. Eu nunca...

S. P. – Escrevendo em jornal, dando muita entrevista.

J. N. – É. Eu dou muita entrevista. Cada vez menos. Eu estou sendo muito seletivo, porque eu perdi... não é paciência. Não tem como mais. A demanda hoje é muito grande, para comentários, para entrevistas. Eu tenho me preservado muito. Mas, nesses vinte anos, sei lá, de carreira, desde que eu me formei, fiz meu doutorado – já tem mais do que isso – acabei em 1995 – vinte e três anos –, eu tive uma aparição no jornal muito grande. Você vai criando vínculo com alguns jornalistas, eles te procuram.

C. C. – E, também, mudou muito o jornalismo.

J. N. – Mudou muito o jornalismo também. Mas a escola antiga dos colunistas, eu conheço muitos, e às vezes eu falo com eles, e também o meio político, por conta do debate de reforma política, eu acabei convivendo muito com políticos de extrações

diferentes. Você vai na Comissão de Reforma Política, você vai falar com o Caiado, por exemplo, era uma pessoa que eu conhecia lá, de vários encontros. Aí depois o presidente passa a ser do PT, o Fontana, você começa a conviver com o Fontana, ou com Alexandre Cardoso aqui, que é do PSD, ou com Molon, ou com o PSOL. Várias forças que pensaram a reforma política. Eu acabei, num certo momento, virando interlocutor, porque é um tema meio técnico... claro que não é estritamente técnico, mas tem uma dimensão técnica que interessa a forças diferentes.

C. C. – Você tem procurado também... Você falou, relativo ao afastamento, de aparecer muito na mídia. Eu não sei se você tem essa percepção. Nos últimos anos, em parte, por efeito das mídias sociais, em parte, vamos dizer, por uma polarização, radicalização política, ficou um terreno difícil, muito minado, inclusive em termos de relações pessoais, você falar sobre política, se expor falando sobre isso. Isso tem vamos dizer afetado esse seu maior cuidado ou certo recolhimento?

J. N. – É. É difícil. Ficou difícil ser um cientista político com o meu perfil nesse período agora. E eu acho... Eu faço uma crítica à ciência política brasileira porque eu acho que ela, na crise, nossa! – crítica à ciência em geral –, mas eu acho que nós podíamos ter entrado melhor, em termos profissionais assim, uma reflexão acumulada sobre as instituições brasileiras, sobre o funcionamento do Congresso, do Judiciário, das instituições eleitorais. Esses últimos anos, eu acho que muitos colegas meus, excelentes pesquisadores, acabaram sendo tragados um pouco por um debate, que é inevitável, que é complexo, sobre golpe ou não golpe, Moro, Lula...

C. C. – Mais conjuntural também.

J. N. – Mas eu vi pessoas que tinham um estilo, digamos assim, parecido com o meu: mais analítico, querendo que o trabalho e a pesquisa fossem o carro-chefe da entrada no mundo público, virarem colunistas de jornais. De jornal. E depois que você vira colunista muito tempo, se você se descola da pesquisa, você vai ficando igual ao jornalista, não tem jeito. Você tem um pouco mais de informação sobre, sei lá, como é que funciona o sistema eleitoral da Birmânia, para colocar numa coluna, mas começa também a falar de fofoca de bastidores: é Bolsonaro ou não é, o que eu soube... começa a entrar num território de especulação. Que é bacana. Eu acho isso importante também. Mas, na crise, eu acho que, na mídia, a ciência política não deu uma contribuição, que

poderia ter dado, assim: um seminário sobre o papel do Judiciário. O que é que nós sabemos sobre esse novo Judiciário? A judicialização...

C. C. – Como teve na transição. Redemocratização. Constituinte.

J. N. – Justamente. A transição. Naquele processo, eu me lembro, por exemplo, do Iuperj como um centro fundamental para reflexão sobre a democratização do país. O debate inicial do tema desigualdade e raça foi no Iuperj, com Nelson, com Carlos Hasenbalg, o tema da transição foi fundamental no Iuperj, e eu acho que nessa crise, nem falo mais do Iesp, nem de uma instituição em particular, muitos cientistas políticos, excepcionais pesquisadores, e a ABCP, que poderia ter feito eventos em que o tema da reflexão, da contribuição, digamos, acadêmica para pensar o país pudesse... Não sei se ajudaria. Mas ela teria que aparecer. O que é que nós sabemos sobre esse novo Judiciário, que tem uma nova geração que pensa diferente da antiga? O que é a judicialização da política? Tantas pesquisas sobre isso. Para trocar isso por um... um *pulse* no Facebook, indignado, contra ou a favor, sei lá que ator. Então, não é fácil ficar assim. Talvez, depois dessa eleição, a gente volte ao período mais ordinário, que nós temos um recuo em relação à vida pública, um recuo... Não sei se isso é bom ou é ruim. Eu acho que o recuo é necessário, para que a gente faça pesquisas de melhor qualidade. Essa é minha avaliação.

S. P. – Tenho mais duas ou três perguntinhas para fazer.

C. C. – Não. Se é do mesmo tema, pode fazer.

S. P. – Uma coisa que você mencionou rapidinho, mas que eu queria apurar um pouquinho mais. Esse convívio na Câmara dos Deputados, no Senado, para discutir reforma eleitoral, se você sente que você convenceu os deputados de alguma coisa, ou pelos menos os convenceu a não fazer uma certa medida, ou certas medidas que você acha que seriam ruins para o país.

J. N. – É uma boa pergunta, porque... assim, nesse tema, eu... talvez, deixando a modéstia de lado, tenha a ver mais com a trajetória do que com meu mérito, o fato de eu ter escrito eu acho que alguns trabalhos didáticos já nos anos 1990, em que... um certo esclarecimento sobre sistemas eleitorais, sobre funcionamento...

S. P. – O livro sobre sistemas eleitorais está na quinta edição.

J. N. – É. Esse livro, que eu já vi políticos, por exemplo, lerem, consultarem, assessores parlamentares, jornalistas, eu acho que ajudou a certo esclarecimento, porque a gente tem muito pouco material didático de ciência, sobre política, no Brasil. Eu acho que esse livrinho, que tem pretensões muito simples, saiu aqui pela Editora da FGV, ele ajudou. Eu não sei se a minha presença. Assim, eu fui ativo no debate contra o distritão, na Câmara, na própria entrevista que eu e Fernando Limongi tivemos com o Cunha.

S. P. – Por favor, conte mais isso. [risos] Para o *Valor [Econômico]*.

J. N. – É. Foi para o *Valor*. Entrevista histórica, que a gente acabou... aquele confronto... não é confronto, um diálogo incrível com o então presidente da Câmara. Dois cientistas políticos entrevistando o Eduardo Cunha, eu e o Fernando Limongi. Foi uma coisa... Naquele dia também, a gente está lá, eu e o Fernando, criticando a reforma e o distritão, e passando informação para os deputados de oposição, eu acho que, nesse caso, talvez... uma coisa ou outra. E tem uma coincidência, que é claro que eu não atribuo a mim, acho que é coincidência mesmo. E que duas propostas que eu apresentei no meu livro que saiu no ano passado, no ano... Saiu o livro no começo do ano, e no segundo semestre teve uma reforma política. E duas ideias que eu faço ali, não todas, mas duas, foram acolhidas, que é a cláusula de desempenho de um e meio, que o projeto, o original é uma cláusula de três por cento. Eu fiz lá um argumento, não só na Câmara como também no livro, que um e meio seria um ponto de equilíbrio, de modo a ter aprovação de partidos como o PCdoB, PSOL, PTB, que poderiam aprovar o projeto, e o fim das coligações, também, é uma ideia minha. Mas é claro que eu não atribuo a que eles lerem meu... Longe de acreditar que foi a leitura do livro. Mas, uma ideia, coincidentemente, as ideias...

C. C. – Um assessor leu.

S. P. – Porque são coisas que você defende faz tempo. Não é só nesse livro.

J. N. – Há muito tempo. Justamente. É. Enfim. Eu acho que eu não superdimensionaria esse papel, não. Eu acho que... Eu fui realmente a todas as comissões de reforma política.

S. P. – Desde 1993/94. Quando foi a sua primeira, você lembra?

J. N. – É. Foi com... Santana. João Santana.

S. P. – Foi Israel Pinheiro?

J. N. – Não. Foi com João Santana. João Santana não. João?... Almeida. João Almeida. É deputado do PSDB da Bahia. Ainda no Fernando Henrique. Durante o governo Fernando Henrique, a gente foi lá, com Aluísio Nunes, eu e Fernando, coincidentemente, também, Fernando Limongi, fomos pensar uma reforma política, no Fernando Henrique. A ideia era que o Planalto apresentaria. Mas não vingou. A gente até fez um texto...

S. P. – Em que ano foi?

J. N. – Ah. Foi por aí. Em 2000... 1999/2000. E depois... no governo Lula para cá, todas as comissões de reforma política da Câmara, eu fui, como depoente, nas audiências. E convivi com... Mas eu não superdimensiono esse papel, não. Talvez o que eu tenha ajudado mais assim – se isso aconteceu, eu não sei – é com esclarecimento, num trabalho ou outro, mostrando: “olha o efeito... tem outros países...” Então, volta e meia, eu me lembro, no encaminhamento da reforma política, alguém dizia: “só tem dois países no mundo que têm um sistema tal... do distritão...” Eu disse isso lá. E está num texto que eu fiz. Porque para você saber que é o distritão, você tem que saber o nome do sistema eleitoral, para aprender isso.

S. P. – [] transferir.

J. N. – É. Aí, só cientista político. Então, esse tipo de coisa, talvez eu tenha ajudado. Mas eu não superdimensiono, não.

C. C. – É. Isso que você falou do... também, num contexto internacional. Quer dizer, você não fez [bolsa] sanduíche nem doutorado fora, fez no Brasil. Eu te conheci em Oxford em 2000. Você passou umas semanas lá. Leslie Bethell tinha convidado para o centro de estudos. Depois você voltou. Ficou dois meses, não foi?

J. N. – Não. Acabou que eu fiquei onze meses em Oxford. Eu fiz... Aí, eu fiz meu pós-doc.

C. C. – A primeira vez você fez [meia]. Você fez um pós-doc, depois voltou, depois, para a Inglaterra. Como é que foi esse?...

J. N. – É. Eu fui... Enfim. Acabou que eu, por um pouco... talvez por não ter criado redes internacionais, não [ter] entrado nesse mercado de... que eu não gosto realmente – de eventos, de palestras. No Brasil, eu vou, basicamente, para o encontro da ABCP, e olhe lá. Assim, é o meu limite para esse tipo de evento. Eu não entrei nas redes

internacionais, e fui perdendo os contatos assim, como diferentes colegas que têm redes e publicam fora. Eu publiquei algumas coisas fora do Brasil, por convite, como um artigo sobre o Brasil numa coletânea sobre partidos políticos no mundo, da Key Lawson. Ela me chamou para escrever. Eu fiz com o Leslie o capítulo da Cambridge History, alguns artigos em parceria no [*Electoral*], alguns, que me convidaram. Eu não, enfim, eu não mirei para a carreira internacional. E também, quer dizer, esses programas, foram temporadas... um no Centro...

C. C. – De Estudos Brasileiros.

J. N. – De Estudos Brasileiros, com o Leslie. E agora, por razões pessoais, eu tive oportunidade de ir para Londres, passei seis meses lá com o Anthony. Uma coisa levíssima.

C. C. – Anthony?

J. N. – O Anthony Pereira. Enfim, um tempo... Um doutorado em que eu fazia... Um período em que eu fiz três palestras em cinco meses, e o tempo todo, eu estudava, escrevia, agilizava. Um paraíso, um luxo, poder ter uma oportunidade dessa. Mas, assim, não é bem um vínculo com o departamento de uma universidade, uma coisa mais estrita, como outros colegas fizeram, e que, enfim, por razões da minha bibliografia, acabou que eu investi muito no Brasil, na reflexão sobre o Brasil, em escrever e publicar por aqui, esse lado ficou claramente... se comparar com colegas meus de geração que têm uma vida intelectual fora do Brasil muito mais ativa do que a minha, então esse lado ficou... Claro. Talvez o fato de eu não... de ter aprendido inglês mais tarde, para falar, eu tenho mais dificuldade. Eu acho que consegui superar, melhor isso nos últimos tempos, estudando, quebrando a cabeça; mas, esse foi um... foi uma dificuldade, sobretudo lá atrás. Agora, enfim, [preciso] aprender inglês, para falar, dar uma... Falei agora, várias vezes, lá. Mas é um investimento para mim. Acho que no final das contas... Eu vi muitos brasileiros dando palestras, agora, lá. Salvo os que moraram mesmo fora, falar em inglês com fluência é muito... se não se preparar, passa vergonha. Então, para mim, é um preparo gigantesco, para falar. Mas funcionou. Eu acho que funcionou. Mas não é fácil. Não é [normal]. Não é... Enfim, não foi uma coisa simples. E tem a ver com a minha vida e a minha relação com o fato de ter aprendido tardiamente. Eu ouvia música em inglês, por exemplo.

S. P. – Uma coisa que você fez, que eu acho que nenhum outro cientista político da sua geração fez, que você já mencionou um pouco, são esses livros mais de divulgação científica, como *Os Sistemas Eleitorais*, o *Representantes de Quem?*...

C. C. – *História do Voto no Brasil*.

S. P. – *História do Voto no Brasil*, e depois, *Eleições no Brasil*, que, enfim, que todo professor de sistema eleitoral usa em algum momento. Eu acho que essa é uma enorme contribuição que você fez e faz. E que... Você começou dando aula, lá na universidade, para aluno de jornalismo. Teve alguma influência?

J. N. – Eu nunca pensei nisso. Eu acho que essa ideia, em algum momento, talvez lendo textos parecidos fora do Brasil, primeiro de cientistas políticos que fizeram trabalhos semelhantes, trabalhos de divulgação, de manuais... Os americanos têm manuais de introdução à ciência política espetaculares. Eu tenho muitos desses manuais. Eu sou viciado. Eu comprava. Agora parei. Mas tenho lá uma dúzia de manuais, que eu ia comprando quando viajava. Introdução à ciência política para alunos de graduação mesmo. Livros bem feitos, bonitos e com uma linguagem... Um pouco isso. E eu, hoje, estou totalmente convencido que livro tem que ser escrito para um público mais amplo. Qualquer livro. Eu acho que a divulgação científica... Eu aprendi isso porque eu leio muito divulgação científica, mesmo, isso por hobby, de biólogos, físicos, psicólogos cognitivos. Eu leio esses livros por hobby. Eu tenho dezenas. E eles escrevem com muito talento para o grande público. Claro que eu não estou me comparando a eles. Mas eu acho que depois... sobretudo mais recentemente, em que você pode... você tem um nicho de trabalho acadêmico, as revistas acadêmicas, hoje, que são basicamente on-line, que você pode escrever tecnicamente. Coletânea, eu acho que é uma perda total de tempo e de... Quer matar um artigo, é publicar numa coletânea. Coletânea impressa. E o livro, eu acho que hoje a gente tem que escrever para o grande público, porque senão eles não vendem, não são consumidos, não têm nenhum impacto. Eu vejo vários colegas meus, publicam, sei lá, uma tese, ou um aluno que resolve fazer uma tese, as edições estão saindo com cinquenta, cem exemplares; você doa para as pessoas. Não tem mais mercado para livro... As grandes editoras não querem publicar tese. É tudo muito hermético, técnico. Então eu acho que eu me convenci, não sei bem por que razão e em que momento, talvez olhando essa literatura e, recentemente, me dando conta, se eu fizer um outro livro –, que eu pretendo fazer; não sei bem qual vai ser, mas eu estou

com algumas ideias –, eu penso em escrever um livro que possa ser lido por um público mais amplo. Porque se não, eu publico numa revista científica.

C. C. – Agora. Você passou cada vez mais (eu te conheço há muito tempo) a gostar de número, estatística, matemática, essas coisas; no entanto, não virou aquele tipo da ciência política hermética, quantitativa clássica.

J. N. – É. Eu sou totalmente autodidata em termos de estatística.

C. C. – Você comprava uns livros assustadores. Cheio de números.

J. N. – É. Comecei a comprar livros, assistir aulas na internet e aprender. A minha última loucura foi aprender a programar. Assim, uns três ou quatro anos para cá, talvez o fato de dar aula na graduação e não ter orientação, o tempo fica *menor*, porque orientar aluno de pós-graduação... reunião de pós, aulas...

C. C. – Fica maior o tempo.

J. N. – Sobra mais tempo. Eu estou brincando, mas... Há uns três ou quatro anos, eu comecei a programar, para fazer meus gráficos, minhas análises, que é uma coisa impensável para alguém da minha idade, sozinho. Meus colegas de geração não sabem programar. Então, fazer um gráfico, um... sei lá, todos os gráficos que eu posto lá no... eu programo, eu faço programação com [R ou com Pipe]; mas isso é um hobby, um pouco hobby, um gosto pela estatística, não uma coisa *hard-core*, que só existe boa ciência política se for quantificada. Eu nunca defendi isso. Acho muito ingênuo. Mas, pela área que eu trabalho, com dados, números, eleições, tem muito volume de dados, eu acho que, se a gente faz uma análise elegante e tal, dá para fazer um bom trabalho de comunicação; até para o grande público também, mas... Enfim. Essa estatística mais pesada, árida, que você faz referência, você encontra nas revistas acadêmicas, e que ninguém mais lê. Quer dizer, tem artigos, não da ciência política brasileira, mas de algumas revistas internacionais, que ficaram tão áridos em termos de matemática, seja estatística ou lógica ou modelos formais, que a ciência política... Essa ciência política ficou muito árida. Eu acho que também, tudo bem, como são pares escrevendo para pares... Eu me lembro até que tem uma área da ciência política –, que é: modelos espaciais do voto –, que chegou a ficar tão árido que as revistas proibiram, que passou a ser... os artigos... É verdade. Estudos sobre modelo espacial do voto. Porque o uso de matemática avançada tão pesada, teoria dos jogos, porque os artigos passaram a ser escritos por matemáticos, por economistas, por pessoas que têm formação em [quântico]

muito superior à nossa, em média, e esses artigos ficaram impenetráveis. Então, um tempo atrás, algumas revistas decidiram, deliberadamente, proibir. E eu acho que tem um ponto ótimo. Eu acho que muitos de nossos colegas que são... de meus colegas que são quantitativistas mais *hard*, eles escrevem para os *journals*, para as revistas acadêmicas. Eu tenho muita dúvida de livros assim. Eu vejo alguns. Pessoas que levam essa linguagem para livro. Eu acho que é para enterrar o livro. Então não há... Eu acho que é um hermetismo desnecessário. Mas, enfim, essa quantificação pessoal é um investimento puramente solitário. Eu fiz um curso ou outro, mas... E é curioso porque eu estudei no Iuperj, que é um centro tradicionalmente identificado com o centro quântico, e eu fiquei com essa cara, mas nunca tive um treinamento estatístico bom no Iuperj. Eu fui aluno, claro, mas não era bom aluno de estatística. Eu não conseguia entender a matemática.

C. C. – Era o Nelson que dava. Nelson do Vale e Silva.

J. N. – O Nelson. O curso dele era sofisticadíssimo. Eu hoje, talvez eu fizesse de bom grado. Mas é muito carregado em matemática, eu, naquele momento, acho que eu não tinha matemática nem formação para acompanhar, então não fui bom aluno. E, o que eu aprendi, eu aprendi sozinho.

S. P. – E tem uma coisa, também, que eu vejo como uma preocupação sua há muito tempo, é com a organização de dados eleitorais. Até você chegou a publicar um livro, que é muito engraçado, que é o *Dados Eleitorais do Brasil de 1982 a 1996*, alguma coisa assim, que é um livro basicamente de tabelas, com os dados estatísticos.

J. N. – É.

S. P. – E agora, no seu site, você tem um repositório de dados muito bacana, super útil para jornalista, para cientista político. Como foi a ideia desse livro? Você fez coleta pessoal nos TRE's?

J. N. – É. A ideia do livro veio com... lá nos anos 1990, quando eu era aluno do Iuperj, com Olavo ainda. Tinha um almanaque de dados eleitorais na Europa – é uma pena que isso tenha se perdido lá na biblioteca que o Cândido levou –, que era um almanaque que eu, eu quando estudava sistemas eleitorais do mundo para as aulas e para escrever o meu livro, eu recorria muito, porque tinha os dados das eleições de depois da guerra de todos os países. País a país. Primeiro tinha uma seção...

S. P. – Da Europa só, ou do mundo?

J. N. – Da Europa, Estados Unidos, Austrália e Japão, se eu não me engano. E Canadá. As democracias industriais, como a gente chamava na época, consolidadas. E tinha uma seção que explicava o sistema eleitoral e depois. E eu tive uma ideia de fazer algo parecido para o Brasil porque os dados estavam muito dispersos. Eu falei: vou copiar isso para o Brasil. E comecei a coletar os dados, porque os dados... o TSE disponibiliza os dados mas de maneira impossível de ser acessada pelas pessoas comuns, é muito... Tem que baixar as planilhas, você tem que carregar muitas coisas...

S. P. – Isso, hoje. Mas, e naquela época?

J. N. – Naquela época uma parte desses dados estava em papel. O mais...

S. P. – Em Brasília.

J. N. – Em Brasília. O mais, assim, digamos interessante foi recuperar os dados de 1986, porque em 1986, foi uma eleição em que a apuração não estava totalmente eletrônica, e os boletins, os resultados ficavam em papel. E eu fui para a biblioteca do TSE em Brasília, uma garagem para uns fundos, elas foram me dando umas caixas, e eu fui completando, como álbum de figurinhas, os resultados de 1986. Que ninguém tinha. Eu fui completando de estado a estado. E os dados, é engraçado, porque alguns dados, não tinha resultado separado, só vinha coligação Brasil Unido, três partidos; mas aí eu pegava os votos nominais, fiz algumas projeções, pequenas, e completei os resultados das eleições de 1986. Então, se alguém quiser saber o resultado da eleição para deputado federal no Brasil de 1986, a única fonte virou o livro. E agora, para as mais atuais, é mais fácil, porque agora está tudo on-line. Aí como eu consolidei seguindo esse modelo americano, que é o desse livro, que era os resultados, eu fiz por estado, por região, depois ficou num blog, numa página hospedada no site do IUPERJ, quando eu saí, eu perdi, tirei da página, e passou a ser muito consultado por estudante, por jornalista, político. Ah. Sei lá. Qual foi mesmo a votação do Brizola em 1982? Onde eu vou achar esse dado? Eu vou. Rapidinho. Eu vou lá, tem. São coisas básicas. Não é uma estatística para pesquisador. Eu até pensei em fazer uma coisa mais bonita, interativa, mas como aquela página eu também programei, eu que fiz aquela página, eu não consegui uma solução que não fosse um link para um banco de dados. Se eu pudesse, se eu soubesse fazer direito, [riso] eu faria uma coisa bonita: abre, clica... Então ficou assim: tem um link, você tem uma planilha Excel para cada eleição. Mas você encontra tudo lá. Eu

mesmo, às vezes... quantos votos, o percentual de votos do... sei lá, ontem eu peguei esse dado do – dos presidentes de 1980 e... Aí eu vou lá, pego rapidinho. Me ajuda, para coisas rápidas. É melhor do que pegar um banco de dados lá no meu computador, que eu levo horas para achar.

C. C. – Mas... Bom. A gente já estava abusando aqui, quase, da hora. Mas, para terminar, falando de livros, já que você falou, eu gosto sempre de perguntar isso para os entrevistados. Se você tiver que destacar um livro que você leu em tua trajetória, um livro impactante, que te marcou, o que vem a sua mente?

J. N. – Eu não posso dizer que foi o livro que me marcou do ponto de vista de... pessoal, eu posso dizer do livro que... Dois livros me ajudaram. Um acaso fez com que dois livros resolvessem problemas assim intelectuais, lá atrás. Eu vou puxar esses porque eu acho isso é mais... que eu consigo ver uma vinculação. Primeiro o livro do Shugart que eu comprei, eu estava fazendo a dissertação de mestrado, *Seats and Votes*. É um livro americano...

S. P. – Taagepera e Shugart.

J. N. – Taagepera e Shugart, que eu tinha comprado na Leonardo Da Vinci, que levava meses para entregar o livro. E o livro quando chegou, ele... eu li e falei: resolvi vários dos meus problemas da dissertação de mestrado com aquele livro. Ele me ajudou a pensar. E o segundo foi o livro do Lijphart, *Sistemas Partidários e Sistemas...*

S. P. – O *Modelos de Democracia*?

J. N. – Os dois, o *Modelos de Democracia* e o *Sistemas Partidários e Sistemas... Sistemas Eleitorais e Sistemas Partidários*. Não vou saber o título em inglês correto. *Electoral Systems and Party Systems*. Eu não vou lembrar. Mas esse livro, que foi uma coincidência também porque o Otávio Amorim, meu colega, estava nos Estados Unidos fazendo doutorado com o Lijphart, falou: “O Lijphart acabou de lançar um livro”. Nessa época a gente não tinha acesso a livros que sabiam. Como é que eu sabia que um livro ia sair? Pegava no... atrás das revistas saia...

S. P. – Os anúncios.

J. N. – Os anúncios. Saiu tal livro. Aí eu vou lá na Da Vinci, peço para comprar. Não tinha a Amazon. Leva três, quatro, cinco meses. Mas esse do Lijphart chegou rápido. E ele, também, foi um livro... assim, é aquele acaso. Eu encontrei Otávio no

pátio do Iuperj, ele me falou do livro, eu comprei o livro, o livro chegou, e me ajudou muito a arrumar a minha cabeça para a tese de doutorado. São os mais óbvios assim. Para livros que me marcaram em termos pessoais ou de maneira mais ampla, eu teria que pensar. Agora, eu não vou conseguir pensar. Mas, do ponto de vista profissional, eu acho que esses livros resolveram problemas, e por uma coincidência, mera coincidência. Se o correio tivesse atrasado um pouco, talvez eu não tivesse feito a tese, talvez eu não estivesse no Iuperj, sei lá eu.

C. C. – Muito bem, Jairo. Acho que...

J. N. – Foi.

C. C. – Foi excelente. Obrigado mais uma vez por colaborar com a nossa pesquisa.

J. N. – Imagina. É um prazer, uma honra.

C. C. – Obrigado vocês também, Nina, Sérgio, Thiago.

[FINAL DA ENTREVISTA]